UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH III
COLEGIADO DE PEDAGOGIA

Dileane Oliveira Silva
Rayanne de Souza Silva

MEMORIAL DE PROJETO EXPERIMENTAL

ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM ESCOLAS COMUNS: CONHECER PARA INCLUIR

Juazeiro -Ba

2021

Dileane Oliveira Silva
Rayanne de Souza Silva

MEMORIAL DE PROJETO EXPERIMENTAL

ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM ESCOLAS COMUNS: CONHECER PARA INCLUIR

Memorial de Projeto Experimental em cumprimento às exigências do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – Campus III, no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II.
Orientadora: Profa. Dra. Silvia Lucia Lopes Benevides

Juazeiro – Ba

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

S586a Silva, Dileane Oliveira

Alunos com transtorno do espectro autista em escolas comuns: conhecer para incluir / Dileane Oliveira Silva; Rayanne de Souza Silva. Juazeiro-BA, 2021.
61 fls.: il.

Orientador(a): Prof.ª Dr.ª Silvia Lucia Lopes Benevides.
Inclui Referências
TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2021.

1. Transtorno do espectro autista. 2. Inclusão – Autismo. 3. Quiz – Autismo. I. Benevides, Silvia Lucia Lopes. II. Silva, Rayanne de Souza. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. IV. Título.

CDD: 371.94

Dileane Oliveira Silva
Rayanne de Souza Silva

MEMORIAL DE PROJETO EXPERIMENTAL

ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM ESCOLAS COMUNS: CONHECER PARA INCLUIR

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB/DCHIII como requisito parcial para a obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Aprovado em: 07 de julho de 2021

BANCA EXAMINADORA:

Silvia Lucia Lopes Benevides

Profa. Dra. Silvia Lucia Lopes Benevides– UNEB/DCH III

Antoneide Santos Almeida Silva

Profa. Me. Antoneide Santos Almeida Silva - UNEB/DCH III

Cleidiane Maurício dos Santos

Profa. Me. Cleidiane Maurício dos Santos- IF Baiano/Campus Valença

AGRADECIMENTOS

Ao término dessa longa jornada, desejamos agradecer e louvar a Deus por nos possibilitar a realização dos nossos planos e sonhos.

Somos gratas aos nossos pais, Nilza e David (pais de Dileane) e Rose Neide e Francisco (pais de Rayanne) por toda dedicação e auxílio na formação do nosso caráter.

Gratidão aos nossos professores, amigos e familiares que fizeram parte dessa conquista, nos dando forças para não desistir.

Às amizades que conquistamos e que levaremos para toda a vida, em especial Sibeli e Jeanderson, obrigada pela amizade e parceria.

Agradecemos também a nossa orientadora, professora Sílvia, pelo auxílio durante a escrita deste trabalho. Sem ela não conseguiríamos concluir esta difícil tarefa.

Por fim, foram e são muitos os desafios, contudo temos a plena certeza de que **até aqui nos ajudou o Senhor!**

“Ensina-me de várias maneiras, pois assim sou capaz de aprender”.

(Cíntia Leão Silva)

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista-TEA causa um atraso no desenvolvimento intelectual da criança, fazendo com que ela apresente dificuldades de interação social, comunicação, linguagem e padrões repetitivos de comportamento. Considerando o importante papel da escola no desenvolvimento dessas crianças, o presente trabalho teve como objetivo investigar os principais desafios enfrentados pelas escolas comuns para garantir a inclusão de alunos com TEA. Para isto, foi realizada uma pesquisa nos documentos oficiais que orientam os sistemas de ensino para inclusão dos estudantes com TEA no âmbito escolar e, para analisar situações concretas de sala de aula, foram eleitas como fonte, as pesquisas empíricas realizadas por Kubaski (2014), Sousa (2015), Santos (2016); Heradão (2020). Através da análise das pesquisas identificou-se como principais desafios da escola comum: a formação docente, implicação de toda equipe escolar no processo inclusivo, articulação dos profissionais da escola em torno dos processos inclusivos, adoção do ensino colaborativo, disseminação dos conhecimentos acerca do transtorno do espectro autista por toda a comunidade escolar e entorno. Estes resultados embasaram a construção de um produto, o Quiz Digital: Conhecer para Incluir, considerando ser o conhecimento a forma mais eficaz para combater as práticas discriminatórias e excludentes, ainda presentes, favorecendo o processo de inclusão dessas pessoas.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Inclusão. Quiz.

LISTAS DE QUADROS E FIGURAS NO TEXTO

Quadro 1: Níveis e características observadas nos indivíduos com TEA 18

Quadro 2: Diferenças entre os conceitos de integração e inclusão 20

Figura 1: Tela do Powerpoint – mostrando a capa do Quiz.....33

Figura 2: Tela inicial do Quiz digital criado com o programa Goconqr 33

LISTA DE SIGLAS NO TEXTO

TEA - Transtorno do Espectro Autista

ONU - Organização das Nações Unidas

CDC - Center of Deseases Control and Prevention

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

NCBDDD - National Center on Birth Defects and Developmental

AEE - Atendimento Educacional Especializado

NEE – Necessidades Educacionais Especiais

LBI - Lei Brasileira da Inclusão

DSM 5 - Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.ª

APA - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION

TGD - Transtornos Globais do Desenvolvimento

TGDSOE - Transtorno Global do Desenvolvimento Sem outra Especificação

TEABF - Transtorno do Espectro do Autismo de Baixo Funcionamento

CIPTEA - Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista

PNEEI-EI - Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

ATE - Acompanhante Terapêutico Escolar

PECS - Picture Exchange Communication System

...

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **11**

1 CONCEITUANDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA **15**

2 INCLUSÃO: CONCEITOS, LEIS E REGULAMENTAÇÃO **19**

3 INCLUSÃO DE ALUNO COM TEA NA CLASSE COMUM: OLHARES SOBRE AS PRÁTICAS ESCOLARES **22**

4 QUIZ DIGITAL: CONHECER PARA INCLUIR **30**

4.1 RELATÓRIO DO PRODUTO 30

4.2 DESCRIÇÃO DO PRODUTO 32

CONSIDERAÇÕES FINAIS **34**

REFERÊNCIAS **36**

APÊNDICE- CÓPIA DO PRODUTO: QUIZ DIGITAL **40**

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma síndrome que está se tornando cada vez mais frequente, em comparação às décadas anteriores. Estudos observam, em vários países, um aumento na prevalência do TEA nos últimos anos. No Brasil, não existem dados precisos sobre o quantitativo de pessoas com TEA. No dia 18 de julho de 2019, foi sancionada a Lei nº 13.861 que inclui no questionário do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística - IBGE, dados específicos sobre o TEA. Vale destacar, que o último Censo Demográfico realizado data do ano de 2010.

A Organização das Nações Unidas (ONU) conforme Paiva (2019), considera a estimativa global de que aproximadamente 1% da população pode ter autismo no mundo todo. Levando em consideração a população atual em nosso país, 211,8 milhões de habitantes (IBGE, 2020), poderíamos estimar que temos mais de 2 milhões de pessoas com este transtorno. Entretanto, conforme adverte Paiva (2019, p. 20), sem estudos de prevalência de autismo, não temos números oficiais e não sabemos "quantas pessoas têm autismo, muito menos quantas têm diagnóstico", portanto a estimativa apresentada, necessita de ressalvas. Os dados apresentados pelo Center of Deseases Control and Prevention (CDC), órgão ligado ao governo dos Estados Unidos, revelam que o transtorno acomete todos os grupos raciais, étnicos e socioeconômicos, mas é cerca de 4 (quatro) vezes mais comum entre meninos do que entre meninas (NCBDDD/CDC, 2020).

O aumento da prevalência do TEA tem manifestado, cada vez mais, uma crescente demanda por serviços nos espaços educacionais. Ao tempo, tem evidenciado a emergência de condições adequadas de atendimento a essa população. Um grande passo dado em nosso país, em direção à proteção dos direitos das pessoas com TEA foi a promulgação da LEI nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que dentre outros direitos, garante a inclusão em escolas comuns.

O TEA é um transtorno que causa um atraso no desenvolvimento intelectual da criança, apresentando também dificuldades na socialização, na fala e na interação com as outras pessoas (ORRÚ, 2012) e se apresenta em 3 níveis, leve moderado e severo, diferindo pelo grau de dependência dos pais como também dos especialistas, para ajudar e auxiliar no desenvolvimento dessas pessoas com o transtorno.

A escola tem um papel importante para minimizar essas dificuldades decorrentes. Cada indivíduo apresenta uma gama de sintomas e características individuais e essas características apresentadas irão exigir do professor o uso de estratégias e metodologias diferenciadas, organizadas e adaptadas para melhor atender às necessidades educacionais específicas das pessoas com TEA nas escolas comuns.

Tivemos oportunidade de observar durante a realização do nosso estágio supervisionado, do curso de Pedagogia, uma grande dificuldade por parte dos professores e funcionários em lidar com os alunos com TEA. Ficou evidenciada também, a partir do nosso evidente estranhamento quanto ao tema, a necessidade de um maior aprofundamento sobre as questões que envolvem a escolarização das pessoas com este transtorno, em nossa formação, no curso de Pedagogia. Essa dificuldade, frente ao aluno com TEA, é fruto muitas vezes de uma "concepção caricaturizada" que a comunidade escolar tem sobre o transtorno, quadro que perpetua, por vezes, a exclusão (NUNES, 2012). Observamos que um aluno pode estar inserido na escola comum, mas passar a maior parte do tempo isolado na sala de apoio[1], ou estar na sala comum, mas sem interagir com seus colegas. Estas questões apontam para a necessidade de aprofundamentos sobre o TEA na formação inicial e continuada dos professores.

A partir da perspectiva de inclusão, é papel da escola se apresentar como um ambiente receptivo, que seja flexível e sensível para atender a qualquer aluno que esteja matriculado nela. Como proclamado pela Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, de 1994, em Salamanca, todas as crianças têm direito à educação e cada criança tem seus interesses, características e necessidades próprias, devendo aos sistemas de ensino se organizarem para atender a toda essa diversidade (BRASIL, 1997). De acordo com Martins (2006, p.26) "as escolas devem centrar-se na busca de rever concepções, estratégias de ensino, de orientação e de apoio para todos os alunos, a fim de que possam ter suas necessidades reconhecidas e entendidas, desenvolvendo ao máximo as suas potencialidades".

Compreendemos a insatisfação de muitas famílias que alegam ainda uma falta de segurança, discriminação nas escolas comuns e não atendimento às necessidades do aluno com TEA. É preciso destacar o relevante papel das famílias na divulgação de informações sobre as questões que envolvem a realidade das pessoas com TEA, o que tem fomentado um olhar mais cuidadoso para esta população através de estudos, pesquisas e projetos de lei voltados para essas

---

[1] Sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). É um "conjunto de atividades e recursos pedagógicos e de acessibilidade, organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar a formação dos estudantes público-alvo da educação especial, matriculados no ensino regular" (BRASIL, 2013, p.7).

pessoas. Exemplo disso foi o papel de Berenice Piana, mãe de filho com TEA, na instituição da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, através da Lei nº 12.764 que leva o seu nome.

Partindo desta explanação, nosso trabalho levanta o seguinte problema: Quais têm sido os principais desafios enfrentados pelas escolas comuns para garantir a inclusão de alunos com o Transtorno do Espectro Autista?

Através deste estudo, buscamos identificar em pesquisas, os desafios enfrentados pelas escolas comuns para atender as necessidades desses alunos e possibilitar, através de uma perspectiva inclusiva, a sua escolarização e aprendizado, além de contribuir para um melhor entendimento do conceito de inclusão. Para tanto, estabelecemos como objetivo geral investigar quais os principais desafios enfrentados pelas escolas comuns para garantir a inclusão de alunos com TEA. Especificamente, verificamos em pesquisas teóricas e empíricas, as dificuldades da escola comum em realizar esta inclusão, as ações que têm sido efetivadas pelas escolas comuns para garantir a propalada inclusão dos alunos com TEA, além dos procedimentos pedagógicos que favorecem essa inclusão.

Nosso estudo adotou uma abordagem qualitativa com a utilização de estudo bibliográfico. Segundo Oliveira (1977, p. 34), “ato de fichar, relacionar, referenciar, ler, arquivar, fazer resumos (abstracts) de assuntos relacionados com o campo da pesquisa em questão”.

. Conforme explicado por Marconi e Lakatos (2001, p. 43):

> Trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas em imprensa escrita [documentos eletrônicos]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações.

Para atendimento ao que se propõe, realizamos pesquisas nos documentos oficiais que orientam os sistemas de ensino para inclusão dos estudantes com TEA no âmbito escolar: Lei nº 12.764/2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista que, dentre outros direitos, garante a inclusão em escolas comuns, como também a Lei 13.146/2015 - Lei Brasileira da Inclusão (LBI) também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência que assegura a inclusão desses alunos com necessidades especiais.

Considerando a necessidade de analisar os desafios da inclusão das pessoas com TEA, em situações concretas de sala de aula, recorremos a pesquisas empíricas produzidas no período posterior a 2012 até os dias atuais, considerando ser 2012 o ano da instituição da Política

Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Como base de dados utilizamos o Banco de Teses e Dissertações e Portal de Periódicos Capes/MEC, a partir dos descritores: “Transtorno do Espectro Autista”, combinado com “Inclusão”, “Escolarização” e “Estratégias pedagógicas”. Os critérios de inclusão adotados foram: a) pesquisas que envolvam o ambiente da escola comum; b) que tenham como objeto o estudo de práticas pedagógicas voltadas para inclusão e, c) que tenham como sujeitos estudantes com autismo no Ensino Fundamental. Elegemos como fontes as pesquisas empíricas realizadas por Kubaski (2014), Sousa (2015), Santos (2016); Heradão (2020).

Em posse dos resultados, elaboramos um quiz digital, envolvendo informações que se mostraram mais importantes para o processo de inclusão das pessoas com TEA nas escolas comuns. Pretendemos com isso, colaborar de maneira dinâmica e prazerosa, na divulgação de informações relevantes sobre a realidade das pessoas com TEA, instigando as pessoas a refletirem sobre os desafios por elas enfrentados para serem incluídas nas escolas comuns.

Para fins didáticos esse texto se organiza a partir da introdução, seguido do primeiro capítulo **Conceituando o autismo**, onde são descritos os fundamentos teóricos que embasam o memorial, apresentando discussões referentes ao conceito de TEA, as características, os níveis e os principais marcos históricos da evolução do conceito de autismo. Neste primeiro capítulo, utilizamos como referências os autores: Moral, A.; Shimabukuro, E.; Cleto, A. (2010), Orrú (2011), Silva; Gaiato; Reveles (2012); Schenk (2012), Topczewski (2018) e Paiva (2021).

Em seguida, o segundo capítulo **Inclusão: conceitos, legais e regulamentação** onde apresentamos e discutimos o surgimento do conceito de inclusão, a diferença entre os termos integração e inclusão, tendo por referências os autores: Sassaki (2005), Sanchez (2005), Mantoan (2003), Menezes (2012). Abordaremos também as leis e regulamentação voltadas para inclusão das pessoas com TEA.

Refletindo sobre as principais dificuldades das escolas em proporcionar uma educação verdadeiramente inclusiva e considerando a necessidade de analisar as práticas educativas voltadas para crianças com TEA, no terceiro capítulo: **Inclusão de aluno com TEA na classe comum: olhares sobre as práticas escolares,** recorremos às pesquisas empíricas desenvolvidas por Kubaski (2014); Sousa (2015); Santos, (2016); (2016); e Heradão (2020). No quarto capítulo: **Produto: Quiz digital: Conhecer para Incluir** é apresentado o produto, seu conceito e suas características.

Esperamos com este produto, promover informações e fomentar discussões no âmbito do Departamento de Ciências Humanas-DCH III e na comunidade externa sobre a realidade das pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Destacamos a grande importância da temática

em questão para os dois cursos vinculados a este departamento. No âmbito da Comunicação Social, considerando a importância dos meios de comunicação na promoção da inclusão e na construção da imagem das pessoas com deficiência e da Pedagogia, por ser este que forma os profissionais que irão atuar nas escolas.

Entendemos que muitos conceitos aqui apresentados não são de conhecimento da população em geral, e que esse desconhecimento por vezes, acaba gerando um preconceito relacionado às pessoas com TEA. Por isso, a difusão da informação tem grande importância, para colaborar na redução do preconceito e consequentemente da discriminação em relação a este transtorno.

Embora já existam pesquisas que investigam a inclusão escolar de crianças com TEA, a complexidade do problema em questão, aponta para a necessidade de maiores aprofundamentos. Sendo assim, esperamos que as informações apresentadas contribuam para disseminar informações sobre o tema ao corpo discente, docente, funcionários e a toda comunidade. Através do quiz digital, esperamos despertar o interesse e promover informações sobre os conceitos básicos para o entendimento do TEA.

Sabemos que ainda possuímos limitações no que diz respeito ao aprofundamento de algumas questões relacionadas à inclusão de alunos com TEA, pois esse estudo exige um nível de aprofundamento maior do que o momento permite, devido aos próprios limites impostos pela elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, a exemplo do curto período de tempo para abordar um assunto de tamanha complexidade. Contudo, sem a pretensão de esgotar o assunto, entendemos a necessidade em dar continuidade a esta pesquisa para aprimorar os nossos conhecimentos com estudos futuros, enveredando pela pesquisa de campo.

1 CONCEITUANDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro Autista é apresentado na 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM 5) como um novo transtorno que engloba o transtorno autista (autismo), o transtorno de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância, o transtorno de Rett e o transtorno global do desenvolvimento. Está caracterizado por déficits em dois domínios centrais: 1) déficits na comunicação social e interação social e 2) padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses e atividades (APA, 2014, p. 811).

Orrú, (2011) define o autismo como uma síndrome comportamental que compromete áreas relacionadas à comunicação, verbal ou não verbal, na interpessoalidade, no

comportamento geral e no distúrbio do desenvolvimento neuropsicológico. Conforme o DSM 5 (APA, 2014, p. 53), o Transtorno do Espectro Autista, tem como características essenciais, prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Esses sintomas se apresentam desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário. O estágio em que o prejuízo funcional fica evidente irá variar de acordo com características do indivíduo e seu ambiente.

Muitas vezes a falta de reciprocidade e compreensão na comunicação, afeta as emoções e conduta nas relações interpessoais, caracterizada pela dificuldade que a pessoa com TEA tem em se relacionar com o meio social, pela dificuldade na comunicação e na realização das atividades, trazendo-lhes prejuízos nas interações sociais (SCHENK, 2012). Quanto ao comportamento Schwartzman (2010, p.4) nos diz que:

> A marca registrada é a presença de comportamentos repetitivos e estereotipados tais como ficar girando, girar objetos, balançar as mãos etc. As crianças com TGD em geral preocupam-se mais com partes de um objeto do que com o seu todo (rodinhas de carrinho, por exemplo).

É importante ressaltar que esses comportamentos não são vistos de forma generalizada, em todos que possuem esse transtorno; cada indivíduo é único e apresentará comportamentos variados. Em relação a causa do transtorno, um estudo científico publicado recentemente, confirmou através de uma grande pesquisa com 2 milhões de indivíduos de cinco países diferentes, que aproximadamente 80% dos casos de TEA têm causa genética hereditária. “A variação na ocorrência de Transtorno do Espectro do Autismo na população é principalmente devido a influências genéticas herdadas, sem suporte para contribuição de efeitos maternos” (BAI, D.; YIP; B.H.K.; WINDHAM G.C.,2019, p. 1036).

Nesta direção, Topczewski (2018) afirma que somente a genética não justifica o autismo, se dando também por causas de ordem ambiental, como por exemplo o consumo de drogas, álcool durante a gestação, contato próximo com agrotóxicos e a idade avançada dos pais, que gera uma grande incidência do TEA.

De acordo com estudos de Schwartzman (2010) o crescente número de casos identificados com os Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), nas estatísticas, é de 1:160 indivíduos, considerando as décadas anteriores, se dá também pela abrangência do conceito do TGD e o maior reconhecimento dessa condição, tendo como origens os fatores genéticos e ambientais.

Para melhor compreensão desse conceito, Schwartzman (2010) destaca os principais marcos históricos da evolução do conceito de Autismo: O termo “Autismo Infantil Precoce”, é

criado no ano de 1943, pelo psiquiatra austríaco, Leo Kanner para identificar crianças que apresentavam prejuízos nas áreas da comunicação, comportamento e interação social. Essas crianças se diferenciavam do grupo das pessoas com deficiência mental. Inicialmente acreditava-se que o ambiente desfavorável poderia interferir sobre a criança e seria a causa desse transtorno de desenvolvimento, porém nesse mesmo trabalho foi constatado que em alguns casos não havia a possibilidade de um contato social por ser muito precoce o seu surgimento, passando a se considerar a etiologia biológica.

Em 1944, Hans Asperger cria o termo “Psicopatia autística na Infância". Surge nesse momento, a ideia de prodígios; para Asperger, essas crianças aparentemente, eram mais inteligentes e sem atrasos significativos no desenvolvimento da linguagem, esse quadro foi denominado Síndrome de Asperger.

Mais recentemente, unificou-se todos os transtornos que estavam dentro do espectro em um único diagnóstico, com o termo Transtorno do Espectro Autista - TEA, para englobar o Autismo, a Síndrome de Asperger e o Transtorno Global do Desenvolvimento Sem outra Especificação (TGDSOE).

Os sintomas do autismo passaram a fazer parte do espectro chamado: Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), “é reconhecido como uma desordem em espectro com vários graus de intensidade. É de difícil definição porque a síndrome é complexa e não há duas pessoas com o diagnóstico de autismo que manifestam a síndrome da mesma maneira” (SCHENK, 2012, p.8), ou seja, cada indivíduo dentro do espectro é único e vai desenvolver características bastante particulares e irá apresentar também um conjunto de sintomas variados, essa diversidade irá influenciar como cada pessoa se expressa e se relaciona com o meio social.

Paiva (2021, p.8) nos diz que o termo “Espectro” é usado para poder definir os diversos níveis de suporte que as pessoas necessitam. Esses níveis vão desde uma pessoa que tem associado a ele outras doenças, como também a pessoas que têm deficiência intelectual, até às consideradas menos dependentes e que levam uma vida comum, muitas vezes sem ter o conhecimento da sua existência. Por este motivo, a expressão Transtorno do Espectro Autista tem sido mais utilizada em detrimento da nomenclatura Autista devido a essa grande diversidade e pela existência de graus e características individuais para cada pessoa com TEA.

Gaiato (2019) declara que o TEA é dividido em três níveis, sendo: autismo leve, moderado e severo. É importante ressaltar que a principal diferença entre os níveis se dá pela necessidade de mediação e suporte na sua vida social.

> Existem crianças com problemas mais severos, que praticamente se isolam em um mundo impenetrável; outras que não conseguem se socializar com ninguém; e

> aquelas que apresentam dificuldades muito sutis, quase imperceptíveis para a maioria das pessoas, inclusive para alguns profissionais. Estas últimas apresentam apenas traços do autismo, não fecham diagnóstico, mas suas pequenas dificuldades também devem ser tratadas. Transitar entre os diversos níveis de interação social dessas pessoas é um desafio para familiares e até terapeutas. (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012, p.11).

O quadro abaixo, apresenta algumas das diversas características que são vistas nos indivíduos com TEA.

Quadro 1- Níveis e características observadas nos indivíduos com TEA

LEVE	MODERADO
Necessita de menos suporte Não tem deficiência intelectual associada.	Necessita de mais suporte Tem deficiência intelectual associada
Apresentam dificuldade leve de comunicação, com poucos prejuízos de entendimento	Apresentam grande dificuldade de se fazer entender e entender os outros
Se desenvolvem com independência	Precisam de mais atenção e suporte, tanto familiar como profissional
Por conta do Qi preservado apresentam mais facilidade de aprendizado	Precisam de suporte profissional e conteúdo diferenciado
Tem mais autonomia nos processos e ações diárias	Tem dificuldade de autonomia em parte das ações diárias e passam mais tempo fazendo estereotipias
Conseguem estabelecer relações sociais e verbalizar intenções	Tem dificuldade em estabelecer relações sociais, se isolam com maior intensidade e apresentam atraso de fala
Necessitam de menos horas de terapia e têm mais facilidade de associação de ideias	Necessitam de mais horas de Tratamento para acessar novas redes neurais e migrar de diagnóstico

Fonte: Gaiato (2019, on-line)

Conforme Schwartzman (2010, p.4) "o quadro clínico das diversas condições que fazem parte dos TEA é muito variável no que se refere à combinação dos sinais e sintomas presentes bem como níveis de severidade de cada um destes é muito variável". Já Topczewski (2018) adverte que é importante, para a pessoa com TEA, um tratamento multidisciplinar com a participação de vários profissionais, como fonoaudióloga, psicóloga, terapeuta ocupacional, neuropediatra e psiquiatra, visando a promoção de uma melhor qualidade de vida. Podendo assim, haver a possibilidade desta pessoa, migrar de diagnóstico, ajudando na redução dos danos causados pelo TEA.

Conforme Camargos (2001, p. 12):

> Muitas pessoas melhoram tanto, que saem dos critérios do TEABF[2] [...], porém, essa melhora significativa depende da implantação das terapêuticas já reconhecidamente eficazes, em grande quantidade e sob uma lógica coerente. [...]por mais grave que o quadro do TEA possa ser nos primeiros anos de vida, só saberemos o futuro pela reação positiva (desenvolvimento) da criança à medida que os tratamentos forem implantados.

Moral, A.; Shimabukuro, E.; Cleto, A. (2010) observam que existem também características individuais em cada pessoa com TEA, por exemplo, alguns são mais sensíveis ao toque e rejeitam o abraço, enquanto outros podem aceitar e gostar desse toque. A respeito disso, Topczewski (2018, p. 1) nos diz que "Não há um padrão único estabelecido, pois, o quadro clínico é complexo. A orientação deve ser individualizada, além dos profissionais envolvidos, a escola tem um papel extremamente importante no esquema terapêutico". Essas características apresentadas em sala de aula irão exigir do professor um trabalho específico pensado a partir da necessidade de cada indivíduo.

2 INCLUSÃO: CONCEITOS, LEIS E REGULAMENTAÇÃO

O conceito de inclusão surgiu em meados dos anos 80 e início dos anos 90, com um movimento no contexto internacional que discutia a ideia de se pensar em uma nova alternativa para que houvesse uma educação de qualidade para todos, diante da ineficácia da educação especial e das insatisfações quando a trajetória da integração que estavam sendo vivenciadas, buscavam uma reforma na educação geral e especial, uma reestruturação nas escolas para que houvesse de fato uma mudança na realidade enfrentada por alguns alunos no sistema de ensino (Sanchez, 2005).

Sabemos que integração não é sinônimo de inclusão. A integração conforme destaca Sassaki (2005, p.20) se vale das práticas *"*de normalização, de classes especiais e de escolas especiais". Defende a existência de dois sistemas de educação: o regular e o especial. A inserção dos alunos com deficiência nas escolas regulares poderia se dar se esses pudessem se adequar ao sistema e acompanhar os colegas não-deficientes. A inclusão, ao contrário, defende a mudança dos sistemas sociais gerais para que sejam eliminados os fatores que excluíam certos grupos e pessoas, para tanto, faz-se necessário o acolhimento às diferenças. Portanto, entende que é a sociedade que deve ser modificada para atender às necessidades de todos os seus membros, indiscriminadamente.

---

[2] Transtorno do Espectro do Autismo de Baixo Funcionamento

Para melhor compreensão desse conceito, Sanchez (2005) apresenta um quadro com as principais características que diferem o conceito da integração e inclusão.

Quadro 2- Diferenças entre os conceitos de integração e inclusão

Integração	Inclusão
Competição	Cooperação/solidariedade
Seleção	Respeito às diferenças
Individualidade	Comunidade
Preconceitos	Valorização das diferenças
Visão individualizada	Melhora para todos
Modelo técnico-racional	Pesquisa reflexiva

Fonte: Sanchez (2005).

A perspectiva da inclusão propõe que a escola trabalhe atendendo e valorizando as diferenças dos alunos, como também a escola precisa adotar práticas de ensino adequadas a essas diferenças, como nos diz Mantoan (2003, p.25),

> Em resumo: para os defensores da inclusão escolar é indispensável que os estabelecimentos de ensino eliminem barreiras arquitetônicas e adotem práticas de ensino adequadas às diferenças dos alunos em geral, oferecendo alternativas que contemplem a diversidade, além de recursos de ensino e equipamentos especializados que atendam a todas as necessidades educacionais dos educandos, com ou sem deficiências, mas sem discriminações.

Para ela, o mais relevante no conceito de inclusão escolar é que não está restrita apenas às pessoas com deficiência, mas está relacionado há uma mudança de perspectiva educacional, onde se busca uma escola que possa acolher, indistintamente, todos os alunos, nos diferentes níveis de ensino, sem nenhuma exceção.

De acordo com as diretrizes da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (BRASIL, 2012) é de responsabilidade do poder público incentivar a formação e capacitação de profissionais especializados no atendimento às pessoas

com TEA. É garantido por lei o direito à educação e ao ensino profissionalizante, sob pena de multa ao gestor escolar ou autoridade competente que se recuse a aceitar a matrícula de aluno com TEA ou qualquer outro tipo de deficiência. E se comprovada a necessidade, a pessoa com o Transtorno do Espectro Autista, incluída em classes comuns do ensino regular, tem direito a um acompanhante especializado.

Em janeiro de 2020, é criada a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTEA), disposta na Lei nº13.977, denominada Lei Romeo Mion, que altera a Lei nº 12.764/2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265/1996 (Lei da Gratuidade dos Atos de Cidadania), incluindo este documento que possibilita às pessoas com TEA "a atenção integral, pronto atendimento e prioridade no atendimento e no acesso aos serviços públicos e privados, em especial nas áreas de saúde, educação e assistência social" (BRASIL, 2020).

Apesar da existência da lei que assegura a inclusão desses alunos, a Lei Brasileira da Inclusão (LBI) também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/2015) que dá ênfase a necessidade de sistemas educacionais inclusivos e de um documento da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEI-EI), pudemos observar que ainda faltam muitos aspectos a serem cumpridos para que a inclusão de crianças com TEA seja de fato efetiva, a realidade é que a maioria das escolas apresentam muitas dificuldades, e em muitos casos, resistência para adequarem seus espaços físicos e seus Projetos Político Pedagógicos para prestarem o devido atendimento educacional, garantido por lei, às pessoas com TEA.

É necessário ter cuidado ao tratar da inclusão de alunos com TEA. Por se tratar de um transtorno que pode se apresentar de diversas formas, indo de graus leves à mais graves, como já foi observado, faz-se necessário pensarmos que, para além do transtorno, devemos respeitar a singularidade de cada pessoa, então cada caso deve ser analisado isoladamente, pois a inclusão pode acabar se tornando o oposto. Menezes (2012, p.53) explica bem essa questão quando diz que:

> Uma inclusão realizada sem as devidas ponderações a respeito de todo o contexto em questão, pode se tornar a mais perversa das exclusões. Aquela que acontece dentro do ambiente escolar, em que o aluno é mantido na escola e ainda assim não consegue evoluir em seu processo. Em síntese, mediante minha experiência e análise do conteúdo teórico, pode-se dizer que para que o processo de inclusão escolar de alunos com autismo seja bem-sucedido é preciso atender a três condições básicas. São elas: 1) Conhecer e estudar as características comuns às pessoas com autismo; 2) Definir a forma de atendimento educacional a ser ofertado, concomitantemente com a turma comum e 3) Desenvolver estratégias adequadas de atuação pedagógica em sala de aula, respondendo às necessidades educacionais especiais de alunos com autismo, as quais devem ser avaliadas sistematicamente.

A escola tem um papel fundamental na vida de qualquer indivíduo, as crianças com TEA necessitam ter acesso ao mundo do conhecimento, experienciar diferentes vivências por meio da interação social e entender a importância de se relacionar com o mundo que os rodeia.

O trabalho adequado e responsável para ser desenvolvido com alunos com TEA possibilita o estímulo do prazer em estudar, desenvolver relações de amizade e a se sentirem parte do grupo. A discussão aqui apresentada parte do princípio da necessidade de se ir além da inclusão e da acessibilidade, é preciso buscar a interação desse aluno com o ambiente escolar, para isso é necessário a participação e esforço de toda à comunidade escolar juntamente com os pais. Visto que, “a inclusão não é somente para os alunos com deficiência, mas para todos os alunos, educadores, pais e membros da comunidade” (FALVEY e al.1995, p.9).

3 INCLUSÃO DE ALUNO COM TEA NA CLASSE COMUM: OLHARES SOBRE AS PRÁTICAS ESCOLARES

Kubaski (2014) realizou um estudo de caso em quatro escolas do município de Santa Maria/RS, sobre a inclusão de alunos com TEA na perspectiva de seus professores, analisando quatro categorias: presença, participação, aceitação e aprendizagem, onde investigou quatro casos. Observou que todos os alunos recebiam algum tipo de atendimento com um especialista: atendimento psicológico e fonoaudiológico particular ou frequentavam o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), que oferecem “Serviços para cidades de pequeno porte, que devem dar cobertura para toda clientela com transtornos mentais severos durante o dia (adultos, crianças, adolescentes e pessoas com problemas devido ao uso de álcool e outras drogas)".

De acordo com os relatos das professoras, o processo de inclusão dos alunos se iniciou de maneira complicada, de forma que elas duvidavam de suas capacidades em lidar com o aluno com TEA, mas buscaram conhecer seu aluno e compreender o que os incomoda e provoca agitação. Assim, o cotidiano escolar se tornou menos difícil. As professoras regentes relataram insegurança e dificuldade em trabalhar com as crianças, visto que nos cursos de graduação não houve uma formação específica em Educação Especial e as mesmas não possuíam cursos nesta área.

As escolas pesquisadas contavam com uma professora de Educação Especial que atendia na sala de apoio, uma ou duas vezes por semana, ou era solicitada quando o aluno estava muito agitado. Kubaski (2014, p.63) observou que:

> se constituem como desafio ao processo inclusivo, principalmente no que tange a falta de articulação entre os Professores da Sala Comum e os Professores de Educação Especial. Visto que, essa parceria propiciaria ao aluno com TEA maiores condições de desenvolvimento, através de adaptações curriculares, modelos de avaliação e estratégias metodológicas mais adequadas para o sucesso da aprendizagem e socialização desse aluno.

Nesse mesmo estudo, uma professora também mencionou a dificuldade em lidar com a imprevisibilidade dos comportamentos desadaptativos (quando estão agitados, gritando) dos alunos que afetam toda a turma e acabam atrapalhando o andamento da aula.

Já outra demonstra incômodo com relação aos privilégios que alunos inclusos recebem. Como com relação ao horário, pelo fato de a família poder pegar o aluno em qualquer horário, o que acaba atrapalhando, quando está sendo realizada alguma atividade e o aluno é retirado da aula. E também com relação ao lanche; às vezes o aluno quer comer na hora da aula, eles não atendem certas instruções e até mesmo na cantina possuem o privilégio de comer quantas vezes quiserem. Nesse aspecto, Kubaski (2014, p.63) aponta que:

> A percepção das professoras bem como de toda equipe escolar acerca do aluno com TEA que muitas vezes o veem como digno de pena, e acabam concedendo benefícios e favorecimentos diferentemente dos demais colegas sobre o aluno com TEA também merece destaque, pois dificulta a qualidade da inclusão educacional escolar.

Kubaski (2014) identificou na fala de uma professora que ela procurou desenvolver uma rotina com o estudante com TEA para que ele se adaptasse à escola. Então, chegando na sala de aula, o aluno já ia até o armário de jogos e ficava ali aguardando a professora abrir o armário e entregar os jogos para ele. Esse é um momento que faz parte da rotina, e para a professora essa prática ajudou muito, já que o aluno era super agitado, gritava muito e após a organização dessa rotina o comportamento dele mudou, tornando-se tranquilo.

A professora se preocupou em conhecer as características específicas do aluno. A Educadora Especial a orientou para que no momento de explicação de alguma atividade, ela atraísse o olhar do aluno para ela, para que o aluno não desviasse a atenção. As crianças com TEA participam seletivamente das atividades com a turma, dependendo das suas habilidades e dos seus próprios interesses. Elas têm preferência por atividades mais lúdicas. Então as professoras já sabem em quais atividades elas vão se envolver e buscam deixar disponíveis os materiais que elas gostam, como folhas de papel, lápis, giz de cera, massinha de modelar. As atividades pedagógicas, que envolvem escrita, são difíceis de serem realizadas, por ainda não terem desenvolvido essa habilidade.

Segundo os relatos das professoras, os alunos têm progredido sim, mas a evolução é lenta. Por isso, elas têm feito uso de estratégias, como por exemplo: primeiro a professora busca

desenvolver no aluno o desejo de estar na sala de aula e interagir com os colegas, para depois focar no aprendizado (KUBASKI, 2014).

Até o fato de não mandar atividade para casa, porque o foco inicial é que a aluna desenvolva suas habilidades sociais e também que os pais entendam a importância desse aspecto específico para a aluna. Essa decisão foi tomada pela professora em comum acordo com a Educadora Especial.

Enquanto, uma professora diz ser impossível conseguir que o aluno com TEA aprenda a ler até o fim do ano letivo, Kubaski (2014, p.49) avalia que:

> Nesse caso, parece não haver integração entre a equipe escolar, já que, segundo o relato de Laura, não há um momento de auxílio, nem mesmo de troca entre os profissionais da escola. Talvez, por isso a professora se sinta impotente, já que a aprendizagem desse aluno está apenas sobre sua responsabilidade.

Em sua dissertação, Santos (2016) investigou as práticas e os significados atribuídos a inclusão escolar na visão dos profissionais de duas escolas referência em inclusão de Salvador (BA). Uma privada e uma pública, ambas reconheceram a necessidade de repensar suas práticas inclusivas.

Por meio de entrevistas e de uma observação participante, a autora percebeu que a falta de comunicação entre os profissionais da escola pública dificultava o processo de inclusão. A escola conta com uma professora que realiza o Atendimento Educacional Especializado (AEE), porém a professora da sala comum desconhece as práticas e quaisquer intervenções realizadas pela mesma (SANTOS, 2016).

A Resolução n° 4/2009 enfatiza que o AEE deve complementar a formação do aluno, mas não ser o único responsável por sua formação (BRASIL, 2009). O aluno precisa estar matriculado e frequentar a classe comum e, de forma complementar, o AEE. Cabendo aos profissionais estarem articulados quanto aos métodos que irão facilitar o processo de aprendizagem do aluno, sempre compartilhando essas informações (SANTOS, 2016).

Cabe aqui a crítica quanto a essa dualidade existente, considerando que o AEE acaba reduzido a sala de recursos multifuncional. Como proposta, se apresenta a organização do AEE na sala de aula, através do ensino colaborativo cuja finalidade é um trabalho de coensino ou bidocência, envolvendo professores da educação especial e professores das classes comuns no acompanhamento de alunos com deficiência em salas de aula, onde “ambos compartilham as decisões tomadas e são responsáveis pela qualidade das ações efetivadas” (BRAUN; MARIN, 2016, p. 201).

Santos, na sua pesquisa, com o olhar voltado ainda para a escola pública, considera que o profissional fundamental no processo de inclusão do aluno com TEA da turma observada, é o Acompanhante Terapêutico Escolar (ATE). O ATE na escola observada, era o profissional mais próximo da criança com TEA. Observa que no relato da professora, muitas vezes o aluno não deixava nem ela se aproximar dele. Conforme Assali (apud SANTOS, 2006), o ATE desenvolve a função de mediador entre a criança com TEA e os sujeitos envolvidos na sua inclusão, auxiliando em qualquer problema que ela enfrente estando integrada ao universo social.

A escola privada inseriu no seu quadro de funcionários uma "coordenadora de inclusão", graduada em pedagogia e com uma pós-graduação em Análise de Comportamento. Este profissional é responsável, na escola observada, por avaliar os casos de Necessidades Educacionais Especiais (NEE), auxiliar no processo de adaptação das crianças, coordenar a produção das atividades adaptadas e no treinamento de professores e funcionários da escola. Além disso, promove reuniões e oficinas, para tratar de assuntos relacionados à inclusão e a como lidar com as questões do TEA em sala de aula. A pesquisadora percebeu que o apoio dessa profissional tem sido de fundamental importância no processo de inclusão das crianças com TEA da escola (SANTOS, 2016).

Na mesma escola, ela observou a existência de outros profissionais implicados no processo de inclusão de duas crianças com TEA, como a auxiliar de classe. Em sala de aula, essa profissional elogiava as crianças com TEA em público, estimulava a fala, solicitando que verbalizassem seus desejos e estimulando o desenvolvimento da atenção, etc.

Em contrapartida, existem profissionais que acabam dificultando esse processo inclusivo. Apresenta o caso de uma professora que, por conta da falta de interesse do aluno com TEA em realizar a atividade, dizia que ele era preguiçoso, chegando a solicitar que a auxiliar não o elogiasse porque se "elogiar desanda". Relata também processos de práticas discriminatórias e excludentes por parte desta e também dos colegas de classe em relação ao aluno com TEA.

> A inclusão de crianças diagnosticadas com autismo deve propiciar o surgimento de novas habilidades em ambientes saudáveis de aprendizagem. Ou seja, as escolas devem proporcionar espaços compatíveis com as necessidades das crianças, para que elas possam se desenvolver tanto acadêmica quanto socialmente. O investimento e a aposta da escola em relação à criança devem existir para além do diagnóstico. É fundamental que os profissionais vinculados à escola observem as potencialidades de cada criança, para desenvolver e promover a expressão das suas idiossincrasias, competências e habilidades. (SANTOS, 2016, p.9-10).

Santos (2016) também investigou quais os recursos pedagógicos, humanos e de infraestrutura das escolas colaboraram com a inclusão. A autora observou como recurso utilizado na escola privada, em que grande parte das crianças com TEA utilizam, o Sistema de Comunicação Alternativo Picture Exchange Communication System (PECS)[3], baseado nos princípios da análise do comportamento, estimula um comportamento verbal mais funcional da criança através das trocas de figuras. Dessa forma, estão espalhadas pelas paredes da escola, no parque infantil, nos banheiros e na sala de aula, figuras que estão relacionadas as ações ou objetos que ajudam os alunos a se expressarem e a comunicarem o que desejam. Os alunos têm também essas figuras em tamanho menor, para que as tenham sempre consigo. Para a coordenação pedagógica essa ação tem funcionado muito bem no estímulo à comunicação e à autonomia das crianças com TEA (SANTOS, 2016).

Outro dado observado no estudo de Santos diz respeito à contratação de profissionais para acompanhar crianças com diagnóstico de TEA nas salas de aula. Cita resultados de estudos (ANDERSON et al. 2005; SANINI; SIFUENTES; BOSA, 2013) que consideram que essa prática não tem favorecido a inclusão delas nos espaços de ensino regular, visto que a presença de um adulto na sala, além do professor, pode ao contrário, dificultar a inclusão da criança com necessidades especiais na escola. Para os autores esse adulto seria visto pelas outras crianças como uma “sombra”, uma espécie de vigia, provocando assim, o afastamento e diminuindo o acesso da criança, com Necessidades Educacionais Especiais, de seus pares. Santos (2016) chama à atenção que vale a pena observar a atuação do profissional, sua formação e os objetivos de sua prática. Portanto, “não é a simples presença de outro adulto na sala de aula que dificulta o processo de inclusão, mas sim uma prática desvinculada da teoria, sem embasamento e fora dos parâmetros éticos." (SANTOS, 2016, p.21)

O estudo de Sousa (2015) em sua monografia: Professor e o autismo: desafios de uma inclusão com qualidade, pesquisa realizada em uma escola estadual rural de Rio Branco – AC, onde foram identificadas e analisadas as estratégias utilizadas pelos docentes que possibilitam às crianças autistas o direito a uma Educação Inclusiva de qualidade, bem como, as principais

[3] É um sistema de comunicação utilizado em indivíduos com autismo e/ou pouca fala funcional, ressalta a relação interpessoal, em que ocorre um ato comunicativo entre o indivíduo com dificuldades de fala e um adulto, por meio de trocas de figuras. O treino com o PECS se dá através de seis fases: 1) fazer pedidos através da troca de figuras pelos itens desejados; 2) ir até a tábua de comunicação, apanhar uma figura, ir a um adulto e entregá-la em sua mão; 3) discriminar entre as figuras; 4) solicitar itens utilizando várias palavras em frases simples, fixadas na tábua de comunicação; 5) responder à pergunta O que você quer; 6) emitir comentários espontâneos (MIZAEL; AIELO,2013, p.624).

dificuldades encontradas pelos professores em se relacionar com estes alunos durante os seus processos de inclusão e aprendizagem.

Foi realizada uma entrevista com um quadro docente de nove professores, sendo oito de sala comum e um da sala de recursos que atuam no 4º e 5º ano. Através dos resultados obtidos, por meio de um questionário de consulta aplicada aos professores (a fim de coletar informações mais precisas e consistentes a respeito das estratégias utilizadas nas salas e os principais desafios do professor para uma inclusão de qualidade), constatou-se ao analisar os dados que os fatores primordiais que dificultam esse processo de inclusão com qualidade, são: A falta de capacitação profissional adequada, adaptação do espaço escolar e a falta de recursos e materiais apropriados.

De acordo com as respostas desse questionário, Sousa (2015) pôde observar que a maioria dos professores demonstrou insegurança por não ter conhecimentos suficientes para trabalhar com alunos autistas, conhecem de maneira superficial o transtorno do espectro do autismo e suas características. A autora cita Beyer que apresenta como os maiores desafios dos professores no processo da educação inclusiva: “uma melhor compreensão acerca da proposta de inclusão escolar, melhor formação conceitual e condições mais apropriadas de trabalho” (BEYER, 2006 apud SOUSA, 2015).

É apresentado por Sousa às ações e os procedimentos pedagógicos que podem ser utilizados para corroborar na inclusão de alunos com TEA nas escolas. O primeiro caminho é que os professores devem buscar conhecer mais sobre o assunto. Para ela é imprescindível que o professor conheça as características das crianças com TEA para que possa trabalhar as habilidades necessárias ao seu desenvolvimento, pois se não há conhecimento por parte dos professores em como se trabalhar com esses alunos, bem como o desconhecimento das características do TEA, não há condições do professor desenvolver um trabalho adequado em sala de aula, trazendo prejuízos para o aluno como também dificulta o seu processo de inclusão na escola.

Outro ponto importante apontado, é o preparo do quadro de docentes para trabalhar com os alunos com TEA. Foi verificado por Sousa a urgente necessidade de mais formação e capacitação para os docentes, sendo esse um fator considerado primordial para a qualidade do atendimento aos alunos autistas. Para proporcionar uma educação de fato inclusiva é necessário que o professor tenha uma formação continuada sempre ativa, buscando agregar novos saberes à sua práxis pedagógica, o que, segundo Sousa (2015), irá refletir nos resultados no trabalho em sala de aula, e assim será desenvolvido um trabalho de maneira segura e consciente sabendo o que deve ser feito para garantir a esse aluno sua inclusão.

Para a autora, a escola precisa buscar estratégias metodológicas de interação e desenvolvimento de todos os alunos para se ter uma escola realmente inclusiva, não focar somente na matrícula do aluno na escola, mas também no preparo do contexto da comunidade escolar.

Sousa nos diz que é necessário o empenho, sensibilidade e disponibilidade do professor em manter-se informado sobre as atualidades na área, buscando sempre estratégias de ensino como por exemplo: desenvolver um trabalho dentro de uma rotina para formar hábitos, adaptar o conteúdo, realizar uma seleção planejada dos recursos pedagógicos e utilizar materiais adequados como também uma didática que favoreça a aprendizagem de todos os alunos, desenvolvendo assim, um trabalho interativo que favorece também a socialização, acolhimento e inclusão desses alunos com TEA no processo educativo.

Por último, a autora destaca a importância do currículo se estruturar de forma flexível, para atender as particularidades de cada turma. Sendo necessário conhecer os alunos para atendê-los de acordo com suas necessidades, acolhendo-os, respeitando suas diferenças, e buscando compreender os comportamentos e características dos alunos com TEA, que muitas vezes são rejeitados por parte da comunidade escolar, por falta de conhecimento.

Conclui o seu texto, observando que a inclusão dos alunos com TEA no espaço escolar, envolve múltiplas ações. O desafio é grande ao se trabalhar com alunos com TEA e exige bastante conhecimento, preparo, adaptação do espaço escolar, além de formação acadêmica e a sensibilidade para compreender e trabalhar com o aluno com TEA. A educação tem um papel muito importante no progresso desses alunos como também na busca por ações nas diferentes áreas sociais com o intuito de romper com a cultura do preconceito contra as pessoas deficientes respeitando as diferenças e atendendo as necessidades de todos os alunos.

Através do resultado da pesquisa, Sousa nos apresenta que apesar das conquistas alcançadas através da Política Nacional Especial da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) onde é garantido por lei a inclusão dos alunos com TEA, na prática essa realidade não vem se efetivando por falta de ações mais concretas. Percebe-se então a evidente distância entre o que garante a lei e o que acontece na prática.

Outra pesquisa empírica que analisamos foi o estudo de caso realizado por Heradão (2020), denominado: Estudantes com autismo em escolas democráticas: práticas pedagógicas, realizado em duas escolas públicas do Estado de São Paulo. Teve por objetivo investigar o processo de inclusão de estudantes com autismo em escolas democráticas, a partir da questão de pesquisa: Como são as práticas pedagógicas no processo de inclusão dos estudantes com autismo em escolas democráticas?

A autora conceitua estas escolas como aquelas que decidiram romper com o modelo tradicional de organização do tempo e espaço educacional, organização pedagógica como centro de estudos, onde os próprios estudantes definem suas trajetórias de aprendizagem, sem currículos compulsórios. São conhecidas “pela decisão de serem abertas, sem muros e grades, agrupamento diferenciado de estudantes e efetiva participação dos estudantes e da comunidade na gestão escolar, ações coerentes com os princípios educacionais de liberdade e gestão participativa” (HERADÃO, 2020, p. 25).

Conforme destaca a autora, a tese baseou-se no entendimento de que estas escolas se envolveram em um esforço de reestruturação e modernização das relações pessoais e profissionais e que essas inovações devem ter contribuído no processo de inclusão dos estudantes com autismo. Entretanto, buscou na pesquisa investigar “se realmente as inovações educacionais empreendidas por estas escolas converteram-se em melhores experiências escolas aos estudantes com autismo” (HERADÃO, 2020, p. 21).

A pesquisa teve como participantes: três estudantes com autismo e onze pessoas da equipe escolar, dentre eles: cinco professores, dois professores do atendimento pedagógico especializado, uma estagiária, uma auxiliar de vida escolar, uma coordenadora e uma diretora.

A pesquisadora relata a indicação pela escola de estudantes com autismo como aqueles que demandam maior desafio no processo de inclusão. E conclui, a partir das observações, que as práticas pedagógicas nas escolas democráticas se aproximam daquelas vivenciadas em escolas tradicionais. O caráter mais dinâmico de movimentação dos estudantes pelos espaços, conforme observa, acaba não chamando atenção para aqueles que não se envolvem nas atividades intencionais planejadas entre eles.

Vale destacar a observação feita pela mesma que uma das características das escolas democráticas é exatamente a quebra de muros, portanto, as atividades não são desenvolvidas em salas fechadas, mas em salões onde realizam suas pesquisas em grupos e são acompanhados por professores de diversos componentes curriculares que os auxiliam. Apesar de estarem sentados em grupo, os estudantes não estão necessariamente fazendo a mesma coisa, pois cada um define a ordem de realização de seu roteiro.

Nessa dinâmica, os alunos com TEA continuam “sozinhos ou estabelecendo contato com colegas ou estagiários que[...] são parceiros mais experientes, porém sem a obrigação de atuar na zona de desenvolvimento proximal para que o estudante avance”.

A pesquisa traz o relato de uma estagiária que considera ser mais proveitoso para o aluno com TEA, atividades direcionadas, no caderno, folha ou jogo. Ou seja, sem a interação do professor as atividades propostas à turma parecem incompatíveis com as especificidades desses estudantes.

Embora com uma proposta curricular dinâmica e flexível, os professores na prática, continuam sem atentar para as diferenças. A autora conclui observando que não basta promover reforma nas estruturas, sem reformar mentes.

Diante disso, percebemos um déficit na formação dos profissionais que trabalham com alunos com TEA nas escolas. Observamos que mesmo as escolas desenvolvendo procedimentos metodológicos, como a adaptação de atividades ou adotando uma política de escola democrática, a exemplo a que vimos nesta última pesquisa analisada, esses meios não serão eficazes se não houver uma mudança na forma de agir e tratar os alunos com TEA como parte de um tipo específico de pessoas, sem considerar que por trás de cada diagnóstico há uma pessoa diferente, com vivências e necessidades bem particulares. Com isso, salientamos a importância do professor conhecer seus alunos e desenvolver um trabalho bem planejado e pensado a partir do que cada um realmente precisa.

4 QUIZ DIGITAL: CONHECER PARA INCLUIR

A escolha por este modelo informativo, em forma de jogo, se deu em função do aspecto lúdico que este pode proporcionar. Sendo possível abordar conhecimentos e promover informações sobre uma temática tão complexa como a que envolve a realidade das pessoas com TEA, de maneira mais prazerosa e descontraída. Além disso, é uma ferramenta que possibilita às pessoas testarem os seus conhecimentos que têm ou pensam ter sobre o assunto. Esse aspecto é muito importante, considerando que existem muitos mitos e opiniões em torno do TEA que reforçam estereótipos e preconceitos. Entendemos que confrontar esses mitos e opiniões, a partir de informações baseadas em estudos científicos é fundamental no combate ao preconceito e ao capacitismo que dificultam o processo de inclusão das pessoas com TEA.

4.1 RELATÓRIO DO PRODUTO

4.11 Características do produto:

a) Conceito

A palavra quiz é um substantivo masculino originário da língua inglesa. Trata-se de um jogo de perguntas que tem a finalidade de testar os conhecimentos das pessoas sobre um assunto específico que, em nosso caso, é o Transtorno do Espectro Autista.

b) Histórico do Quiz

A princípio, pensamos na construção do quiz por meio de um aplicativo próprio para a criação de quizzes. Porém, aqueles que encontramos disponíveis de forma gratuita, não atendiam ao nosso desejo de construir algo que tivesse uma estética bonita, que fosse lúdico e atrativo.

Pensando em quais questões gostaríamos de abordar no quiz, decidimos que seria interessante que estivessem disponíveis todos os aspectos tratados em nossa pesquisa, desde o conceito de TEA, características das pessoas com TEA, leis, inclusão, etc.

Procurando ferramentas para construir algo do jeito que gostaríamos, uma das autoras encontrou um tutorial no Youtube para construção de quiz pelo aplicativo Power Point. E assim foi desenvolvida toda a estrutura do nosso quiz digital que pode ser impresso ou baixado por qualquer dispositivo com acesso a Internet.

Também pensamos em disponibilizar o questionário através da plataforma online Goconqr, pela facilidade de acesso que poderá ser feito através do link: https://www.goconqr.com/pt-BR/quiz/31968872/Quiz-Digital--Conhecer-para-incluir-.

c) Funções do Quiz

Esse recurso digital facilita a comunicação de informações e possibilita que um número maior de pessoas tenha acesso a esses comunicados. Por ser um jogo, esse acesso se dará de forma mais lúdica, interativa e participativa, onde será possível testar o seu nível de (des)conhecimento sobre a temática em questão, ao tempo em que informa e desafia os participantes a pensarem sobre as questões em tela. Em se tratando do nosso propósito, o quiz contribui positivamente, para o processo de conhecimento, conscientização e empatia sobre o TEA e a inclusão, de uma forma atrativa e dinâmica. Defendemos que conhecer é o caminho mais eficaz para incluir.

d) Aplicações do Quiz Digital

O quiz digital poderá ser aplicado para fins de:

1) Conhecimento: sobre o transtorno do espectro autista, suas características e legislação cabível.

2) Conscientização: quanto à importância da inclusão escolar de crianças com TEA e do conhecimento como principal fonte combatente da discriminação sofrida por essas pessoas.
3) Divulgação: de informações importantes acerca do TEA e das principais dificuldades das escolas em realizar a inclusão.
4) Avaliação: de pessoas ou grupos específicos a respeito do que sabem sobre TEA e inclusão.

d) Como o quiz pode auxiliar nos processos de comunicação e informação dos conteúdos voltados para o TEA?

O uso frequente das novas tecnologias vem sendo utilizado cada vez mais cedo, pela maioria das pessoas, e a proposta de utilizá-la através de um jogo para compartilhar mensagens, passar informações, possibilita maior interação, motivação em querer aprender, gerando assim, melhores resultados no processo de comunicação e de informação de conteúdo. Temos o objetivo de incentivar as pessoas a pensarem, refletirem, pesquisarem e discutirem sobre as informações e conceitos aprendidos, através das questões desse quiz digital.

4.2 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

a) A quem se destina

Por ser um assunto necessário para ser difundido em todos os lugares, o quiz digital pode ser utilizado por todas as pessoas que se interessam pelo assunto, porém em especial, temos o desejo que seja distribuído tanto físico (em clínicas e escolas) como digital (para toda a comunidade escolar, universitária e o seu entorno).

b) Projeto Gráfico – Imagens do produto

Figura 01: Tela do Powerpoint, mostrando a capa do Quiz

Fonte: Das autoras (2021), a partir do aplicativo Power Point

Figura 2: Tela inicial do Quiz digital criado com o programa Goconqr

Fonte: Das autoras (2021), a partir do Site Goconqr.

c) Descrição do produto por partes

O quiz digital possui dez perguntas com questões de múltipla escolha e questões de verdadeiro ou falso. As perguntas abordam todos os capítulos da nossa pesquisa. Contém perguntas sobre o conceito, e as características da criança com TEA, apresenta alguns direitos amparados por lei, mostra os desafios enfrentados pela comunidade escola durante a inclusão dos alunos com TEA e também apresenta questões com exemplos de situações em sala de aula que mostram uma educação realmente inclusiva.

O Produto também contém curiosidades a respeito do TEA, informações sobre cada resposta certa ou errada e ao final do quiz é feito uma avaliação de acordo com o resultado final a partir da quantidade de acertos e erros que a pessoa obteve.

d) Custos do projeto

Devido ao momento de pandemia em que estamos passando, nós decidimos que o mais viável no momento é apenas a circulação da matéria em formato digital. O nosso modelo informativo em forma de Jogo, no formato físico, necessitará que seja impresso, mas no momento não sabemos ao certo qual valor precisará ser investido para a impressão do material.

e) Equipamentos utilizados

Durante a produção do nosso Jogo Digital utilizamos uma ferramenta prática, simples e muito utilizada por nós: o *Powerpoint do Microsoft Office*, por ser uma opção conhecida pelas autoras e que foi possível dinamizar o nosso jogo e torná-lo mais atrativo.

Como pontos positivos da ferramenta podemos destacar que ela pode ser usada a qualquer momento e lugar, e em qualquer dispositivo, ao baixar o jogo. O Quiz é de fácil montagem, por ser o Powerpoint conhecido das autoras.

Como pontos negativos, podemos destacar que não é possível fazer a contabilidade dos acertos em porcentagens como havíamos pensado que deveria estar disponível ao final do Quiz. Sendo necessário a pessoa fazer a contagem de quantas perguntas acertou e quantas errou, para no final ela mesma verificar em qual nível de conhecimento se encontra.

Utilizamos também o *Goconqr* uma plataforma digital de fácil uso que permite compartilhar o jogo através de um link; o ponto negativo é que é menos atrativo e não se pode colocar muitas informações, e o ponto positivo é que não há necessidade de baixar o quiz no dispositivo e ao final é contabilizado o número de acertos e a porcentagem que alcançou. O mesmo está disponível no endereço digital: https://www.goconqr.com/pt-BR/quiz/31968872/Quiz-Digital--Conhecer-para-incluir-.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi identificar em pesquisas empíricas as principais dificuldades da escola comum em garantir a inclusão de alunos com TEA, além de ajudar na disseminação de informações importantes sobre TEA, através do nosso produto.

Percebemos que, embora a prevalência dos casos de TEA aumente a cada ano, a falta de informação e entendimento sobre o assunto ainda fazem parte do cotidiano de muitas pessoas, mesmo nas escolas, o que acaba resultando em atos discriminatórios contra as crianças com TEA.

Analisando as pesquisas percebemos que, caracteriza-se como principal desafio da escola comum a formação de professores. A maioria dos cursos de graduação oferecem um componente curricular de 60 horas, quando muito, para abordarem todas as questões que envolvem as necessidades educacionais especificas, dentre elas, o TEA. Além da formação inicial as pesquisas revelam também a carência na formação continuada dos profissionais que atuam em sala de aula como professoras regentes e auxiliares de classe que revelam que suas aprendizagens sobre o transtorno se deram pelas experiências que tiveram no contato com alguma criança com TEA.

A fragilidade da formação constrói profissionais que se sentem inseguros e despreparados para lidar com os estudantes com TEA. As consequências dessa fragilidade são cruciais no processo inclusivo, uma vez que para promover inclusão se faz necessário conhecer seus alunos e trabalhar de acordo com as suas necessidades.

A formação do professor de fato foi uma dificuldade em comum vista na maioria das pesquisas, porém um ponto importante que merece destaque é que antes de todo conhecimento, formação acadêmica e todo aparato de materiais a serem utilizados, é necessário que a escola tenha a sensibilidade e empatia para compreender esse aluno e respeitar as suas diferenças; Não basta somente se preocupar com as estruturas se as mentes não estiverem reformuladas e as pessoas não estiverem abertas para a inclusão e não tenham nenhum vínculo de respeito em relação às diferenças, como vimos o exemplo da pesquisa realizada por Heradão (2020), onde a autora mostra a realidade de duas escolas que embora possuíssem uma proposta curricular dinâmica e flexível, os professores na prática, continuavam sem atentar para as diferenças.

É importante que toda equipe escolar esteja implicada no processo inclusivo. Escolas que promovem momentos de troca e aprendizado entre os seus profissionais, oportunizam um ambiente mais favorável à inclusão. Essa prática foi observada na escola privada investigada por Santos (2016) e os resultados foram significativos. Exemplo disso é o sistema de comunicação alternativo adotado pela escola para os alunos que apresentam dificuldade na verbalização.

Notamos que as escolas se preocupam em oferecer recursos pedagógicos que favoreçam a inclusão, como a adaptação das atividades, mas mesmo esse processo deve ser feito com

cautela, embasado de conhecimentos técnicos, considerando as particularidades de cada criança.

Diante disso, concluímos que as escolas de maneira geral, têm se esforçado para oferecer uma educação inclusiva, porém é urgente a necessidade de incentivo à capacitação de profissionais que estejam preparados para atender as necessidades das crianças com TEA.

Sabemos que houve uma importante evolução no que diz respeito às conquistas por direitos das pessoas com TEA, para avançarmos ainda mais é necessário o empenho de todos. Quando falamos de inclusão, entendemos que todas as pessoas possuem diferenças, que precisam ser compreendidas, respeitadas e consideradas. E o meio mais efetivo para isto é o conhecimento. Pensando nisso é que criamos o Quiz digital: Conhecer para Incluir.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. - DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BAI, D.; YIP B.H.K.; WINDHAM G.C. **Associação de fatores genéticos e ambientais com autismo em uma coorte de 5 países**. JAMA Psychiatry. 2019; 76 (10): 1035–1043. doi: 10.1001 / jamapsychiatry.2019.1411.

BRASIL. **Lei nº 13.977, de 8 de janeiro de 2020.** Altera a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996, para instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), e dá outras providências. Brasília: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13977.htm. Acesso em: 02. maio.2021.

BRASIL. **Lei 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, 2015.
Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso: em: 02.maio.2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Nota Técnica N° 055 / 2013 / MEC / SECADI / DPEE**, de 10 de maio de 2013. p. 07. Disponível em: https://pcd.mppr.mp.br/arquivos/File/NOTATECNICAN055CentrosdeAEE.pdf. Acesso em: 02. maio.2021.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro, de 2012**. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; altera o § 3o do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11.dez.1990.

BRASIL, **Decreto Legislativo nº 186, de 2008**, Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, 30 de março de 2007. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/congresso/dlg/dlg-186-2008.htm. Acesso em: 02.maio.2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas. Brasília:** MEC, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Secretaria da Educação Especial. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1999.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. 2. ed. Brasília, DF: Corde, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei Nº 9394/96** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.

BRAUN, Patrícia; MARIN, Márcia. Ensino colaborativo: uma possibilidade do Atendimento Educacional Especializado. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 193-215, set./dez. 2016.

CAMARGOS, Walter Junior; Que grau de autismo meu filho tem? - **Revista Autismo,** Preconceito Um mal que só pode ser combatido com informação. - Ano II - Número 2 - Abril de 2012 - p. 12;

FALVEY, M. A.; GINVER, C. C.; KIMM, C. **What is an inclusive school?** In: R.A. Villa and J.S. Thousand (Ed.): Creating an inclusive school Alexandria: ASCD, 1995, pp. 1-12.

GAIATO, Mayra. **Autismo. Diferenças entre Autismo leve e moderado**. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NdQPZNSh-H0&feature=emb_title . Acessado: 01.05.2021 às 21:20.

HERADÃO, Julia Gomes. **Estudantes com autismo em escolas democráticas: práticas pedagógicas**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP/Campus Presidente Prudente, 2020.

KUBASKI, C. **A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo na Perspectiva de seus professores**: estudo de caso em quatro escolas do município de Santa Maria/RS. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil, 2014.

MANTOAN, M. T. E. Todas as crianças são bem-vindas na escola. RPD – **Revista Profissão Docente**, Uberaba, v.1, n.2, p. 1 -19 mai/ago. 2001.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico**. 5.ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2001. p. 43-44.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. **Inclusão escolar: algumas notas introdutórias**. In: MARTINS, L. de A. R. Inclusão: compartilhando saberes. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006, p. 17-26

MORAL, A.; SHIMABUKURO, E.; CLETO, A. Abordagem TEACCH e sua prática. **Revista Autismo.** [s.n]. 2010.

MENEZES, A. R. S. de. **Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MIZAEL, T. M.; AIELLO, A. L. R. Revisão de Estudos Sobre o Picture Exchange Communication System (PECS) Para o Ensino de Linguagem a Indivíduos com Autismo e Outras Dificuldades de Fala. **Revista Bras**. Ed. Esp., Marília, v. 19, n. 4, p. 623-636, Out.-Dez., 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbee/a/mmg4W4NcNPsSHh58cCgwZYC/?lang=pt#. Acesso em: 10.jun.2021.

NCBDDD/CDC- Centro Nacional de Defeitos Congênitos e Deficiências de Desenvolvimento/Center of Diseases Control and Prevention/. **Dados e estatísticas sobre transtorno do espectro do autismo**. Disponível em: https://www.cdc.gov/ncbddd/autism/data.html. Acesso em: 03.maio.2021.

NUNES, D. R. P. Autismo e inclusão: entre a realidade e a ficção. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA M. A. **Dimensões pedagógicas nas práticas de inclusão escolar**. Marília: ABPEE, 2012.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Teoria, Métodos e Técnicas de pesquisa**. 4.ed. Independente São Paulo: Gente, 1977.

ORRÚ, E. S. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

ORRÚ, E. S. **Autismo: o que os pais devem saber?** Rio de Janeiro: Wak, 2011.

PAIVA, Francisco Junior; O QUE É AUTISMO? Saiba a definição do Transtorno do Espectro do Autismo; **Revista Autismo**, respeito para todo espectro. São Paulo, ANO VII - Nº 12 - MAR/ABR/MAI 2021.

SANCHEZ, Pilar Arnaiz. A educação Inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. Inclusão - **Revista da Educação Especial** - Out/2005. Dísponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf. Acesso em: 15 de dez. 2019.

SANTOS, A. A. **Inclusão escolar de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista: significados e práticas** (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/aline_almeida.pdf. Acesso em: 05 de abr.2021.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: o paradigma do século 21. In: **Inclusão - Revista da Educação Especial** - Out/2005, pp 19-23.

SCHENK, Marie Dorión; Capacidade de co-regulação emocional e autismo. **Revista autismo,** Preconceito um mal que só pode ser combatido com informação. Ano II - Número 2, abril de 2012, p 8.

SCHWARTZMAN, José S.; Autismo e outros transtornos do Espectro autista. **Revista Autismo;** Nº 0, Ano 1- 2010.

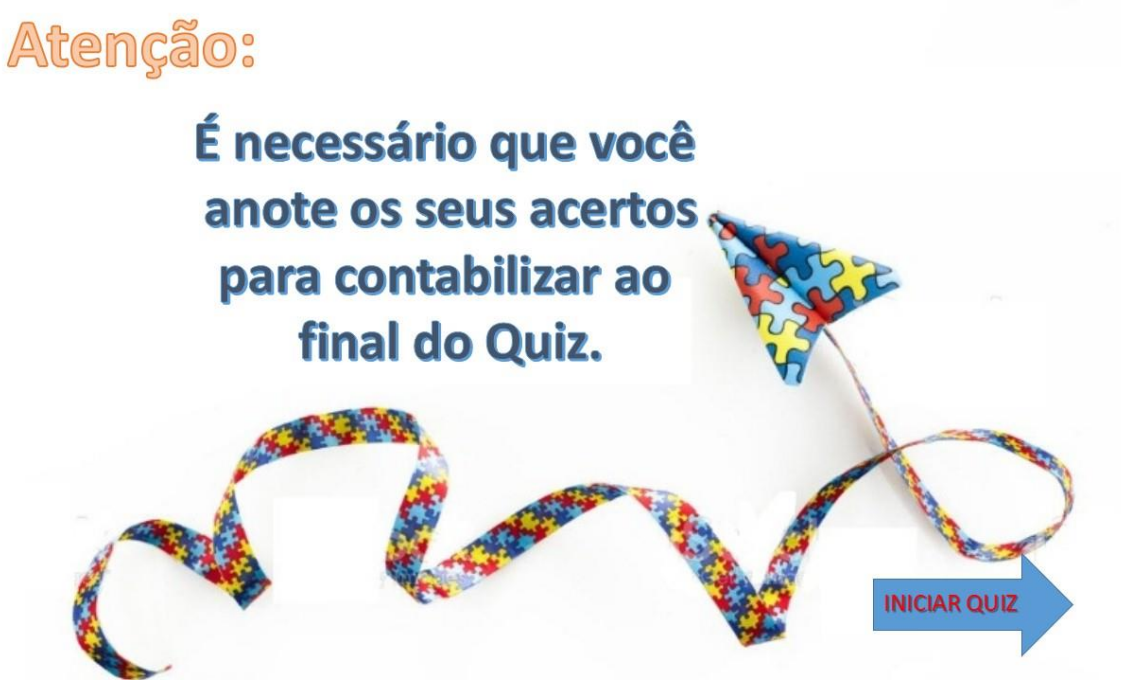
SOUSA, M. J. S. **Professor e o autismo: desafios de uma inclusão com qualidade**. (Monografia- Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar). Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil, 2015.

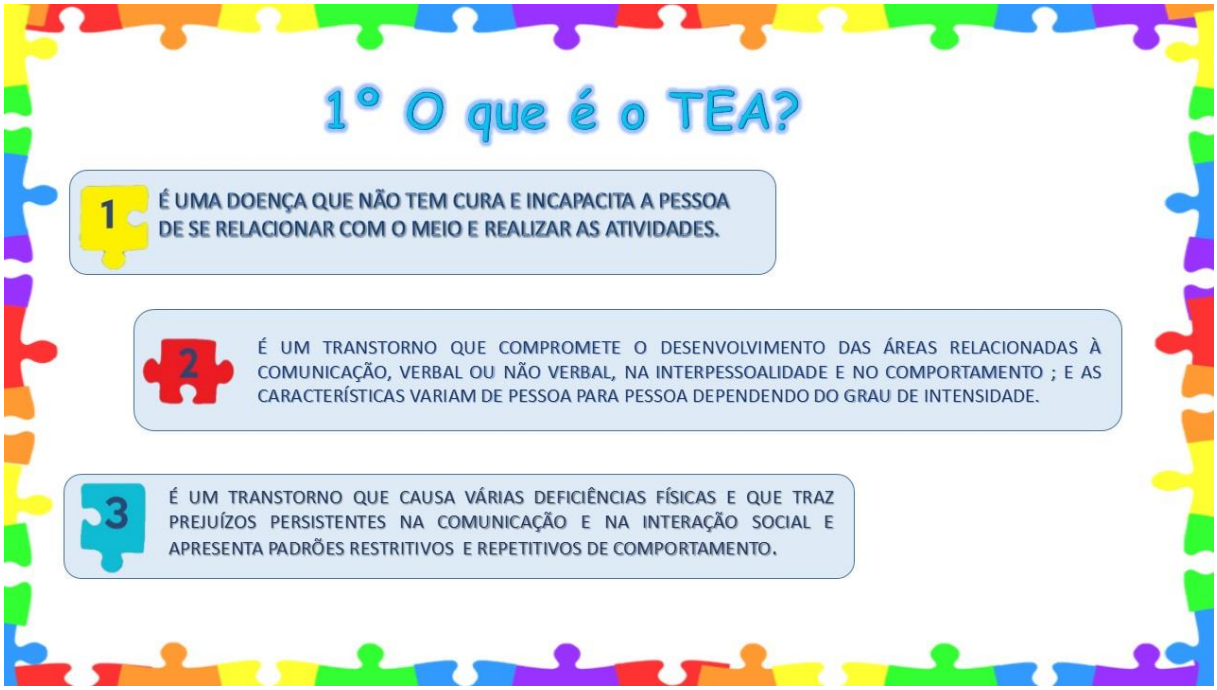
SILVA, A. B. B.; GAIATO, M. B.; REVELES, L. T. **MUNDO SINGULAR- Entenda o Autismo.** Editora Fontanar, 2012.

TOPCZEWSKI, Abram. **O que é o autismo?** Hospital Israelita Albert Einstein. Entrevista Publicado em: 02/04/2018. Disponível em: https://www.einstein.br/noticias/noticia/dia-mundial-conscientizacao-autismo# acessado 01.05.2021 às 21:20.

APÊNDICE- CÓPIA DO PRODUTO

QUIZ DIGITAL: CONHECER PARA INCLUIR




1° O que é o TEA?
1
É UMA DOENÇA QUE NÃO TEM CURA E INCAPACITA A PESSOA DE SE RELACIONAR COM O MEIO E REALIZAR AS ATIVIDADES.
2
É UM TRANSTORNO QUE COMPROMETE O DESENVOLVIMENTO DAS ÁREAS RELACIONADAS À COMUNICAÇÃO, VERBAL OU NÃO VERBAL, NA INTERPESSOALIDADE E NO COMPORTAMENTO ; E AS CARACTERÍSTICAS VARIAM DE PESSOA PARA PESSOA DEPENDENDO DO GRAU DE INTENSIDADE.
3
É UM TRANSTORNO QUE CAUSA VÁRIAS DEFICIÊNCIAS FÍSICAS E QUE TRAZ PREJUÍZOS PERSISTENTES NA COMUNICAÇÃO E NA INTERAÇÃO SOCIAL E APRESENTA PADRÕES RESTRITIVOS E REPETITIVOS DE COMPORTAMENTO.

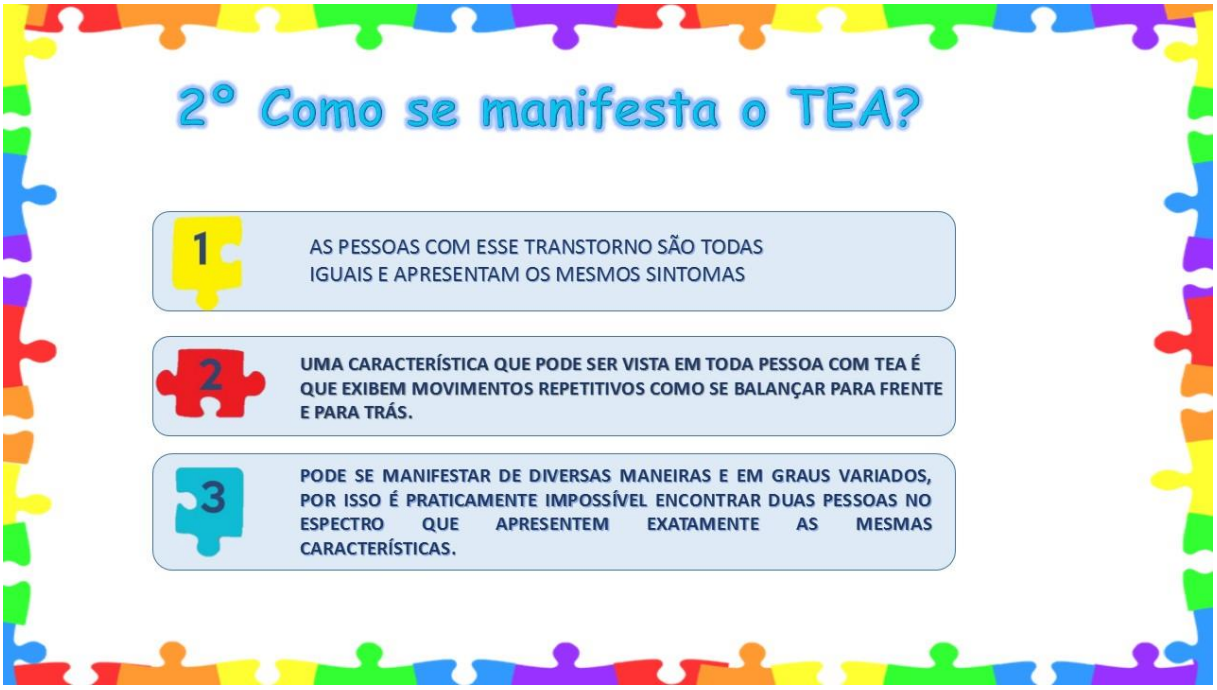
Resposta errada
O transtorno do Espectro Autista não é uma doença, sendo assim não se pode falar em cura . O TEA é uma condição que acompanha o indivíduo durante toda a sua existência, podendo haver melhoras se for tratado adequadamente.
A resposta certa é o 2 - É UM TRANSTORNO QUE COMPROMETE O DESENVOLVIMENTO DAS ÁREAS RELACIONADAS À COMUNICAÇÃO, VERBAL OU NÃO VERBAL, NA INTERPESSOALIDADE E NO COMPORTAMENTO; E AS CARACTERÍSTICAS VARIAM DE PESSOA PARA PESSOA DEPENDENDO DO GRAU DE INTENSIDADE
PRÓXIMO

Você Acertou !

O TEA é o Transtorno do Espectro Autista, e tem como características essenciais, prejuízo persistente na **comunicação** social recíproca e na **interação** social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Esses sintomas se apresentam desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário. O estágio em que o prejuízo funcional fica evidente irá variar de acordo com características do indivíduo e seu ambiente.

PRÓXIMO

Resposta errada
O TEA não causa várias deficiências físicas, é uma síndrome comportamental que compromete áreas relacionadas à comunicação, na interpessoalidade, no comportamento geral e no distúrbio do desenvolvimento neuropsicológico.
A resposta certa é o 2 - É UM TRANSTORNO QUE COMPROMETE O DESENVOLVIMENTO DAS ÁREAS RELACIONADAS À COMUNICAÇÃO, VERBAL OU NÃO VERBAL, NA INTERPESSOALIDADE E NO COMPORTAMENTO; E AS CARACTERÍSTICAS VARIAM DE PESSOA PARA PESSOA DEPENDENDO DO GRAU DE INTENSIDADE
PRÓXIMO


2° Como se manifesta o TEA?
1
AS PESSOAS COM ESSE TRANSTORNO SÃO TODAS IGUAIS E APRESENTAM OS MESMOS SINTOMAS
2
UMA CARACTERÍSTICA QUE PODE SER VISTA EM TODA PESSOA COM TEA É QUE EXIBEM MOVIMENTOS REPETITIVOS COMO SE BALANÇAR PARA FRENTE E PARA TRÁS.
3
PODE SE MANIFESTAR DE DIVERSAS MANEIRAS E EM GRAUS VARIADOS, POR ISSO É PRATICAMENTE IMPOSSÍVEL ENCONTRAR DUAS PESSOAS NO ESPECTRO QUE APRESENTEM EXATAMENTE AS MESMAS CARACTERÍSTICAS.

Resposta errada

Cada indivíduo dentro do espectro é único e vai desenvolver características bastante particulares e irá apresentar também um conjunto de sintomas variados, essa diversidade irá influenciar como cada pessoa se expressa e se relaciona com o meio social.

A resposta certa é a 3 - PODE SE MANIFESTAR DE DIVERSAS MANEIRAS E EM GRAUS VARIADOS, POR ISSO É PRATICAMENTE IMPOSSÍVEL ENCONTRAR DUAS PESSOAS NO ESPECTRO QUE APRESENTEM EXATAMENTE AS MESMAS CARACTERÍSTICAS.

PRÓXIMO

Resposta errada

A presença de comportamentos repetitivos e o balanceio do corpo realmente fazem parte do comportamento de muitos autistas. Porém , assim como os demais comportamentos, essa atitude pode estar presente ou não no dia a dia da pessoa que está nessa condição.

A resposta certa é a 3 - PODE SE MANIFESTAR DE DIVERSAS MANEIRAS E EM GRAUS VARIADOS, POR ISSO É PRATICAMENTE IMPOSSÍVEL ENCONTRAR DUAS PESSOAS NO ESPECTRO QUE APRESENTEM EXATAMENTE AS MESMAS CARACTERÍSTICAS.

PRÓXIMO

Você Acertou !

Os sintomas do autismo passaram a fazer parte do espectro chamado: Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é reconhecido como uma desordem em espectro com vários graus de intensidade. É de difícil definição porque a síndrome é complexa e não há duas pessoas com o diagnóstico de autismo que manifestam a síndrome da mesma maneira.

PRÓXIMO

3º COMO É REALIZADO O DIAGNÓSTICO DO TEA?

1. Observando suas características físicas e os traços faciais, é possível identificar se a pessoa tem esse transtorno.

2. O diagnóstico de TEA é essencialmente clínico; ainda nos dias de hoje, o diagnóstico é impreciso. Usa-se também o diagnóstico baseado na observação do paciente .

3. Realizar esse diagnóstico é algo simples e qualquer pessoal pode identificar, somente observando a presença de pelo menos um dos comportamentos desse transtorno.

Resposta errada

O Diagnóstico desse transtorno é algo bem complexo , mas não tem nenhuma relação com a observações das características físicas

A resposta certa é o 2 : O diagnóstico de TEA é essencialmente clínico; ainda nos dias de hoje, o diagnóstico é impreciso. Usa-se também o diagnóstico baseado em observação do paciente

PRÓXIMO

Você Acertou !

O diagnóstico de fato é de difícil definição, pois a síndrome é complexa e sua manifestação ocorre de diferentes formas em cada indivíduo.

PRÓXIMO

Resposta errada

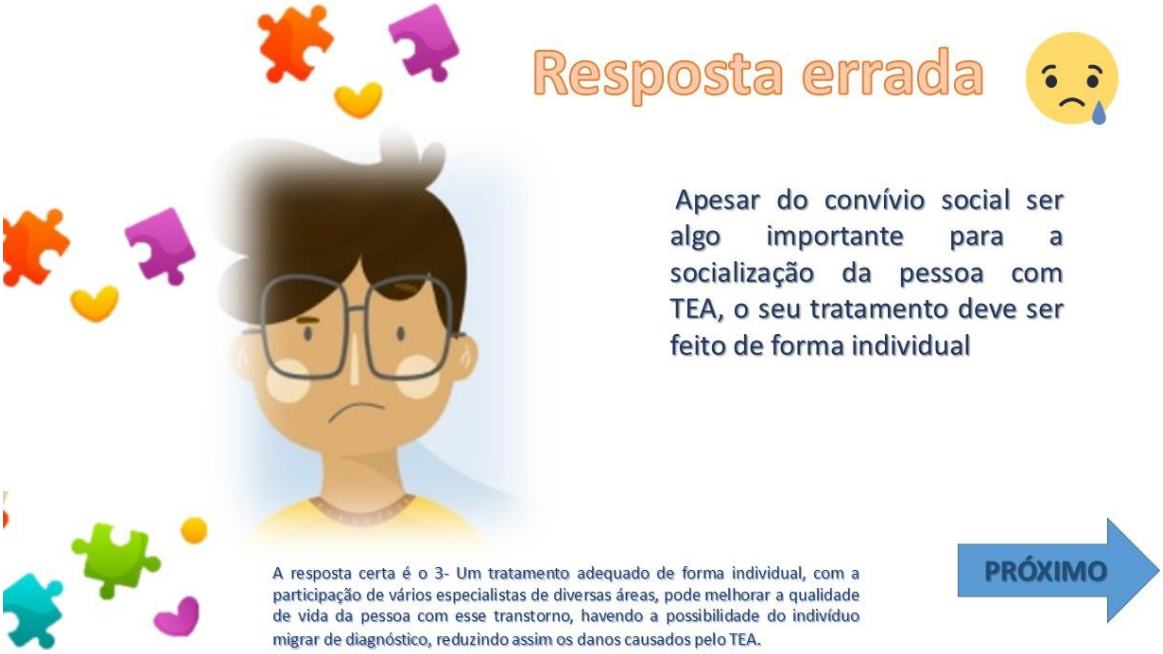
O diagnóstico não é de fácil definição porque a síndrome é extremante complexa. O quadro clínico das diversas condições que fazem parte dos TEA é muito variável no que se refere à combinação dos sinais e sintomas presentes bem como níveis de severidade de cada um destes é muito variável.

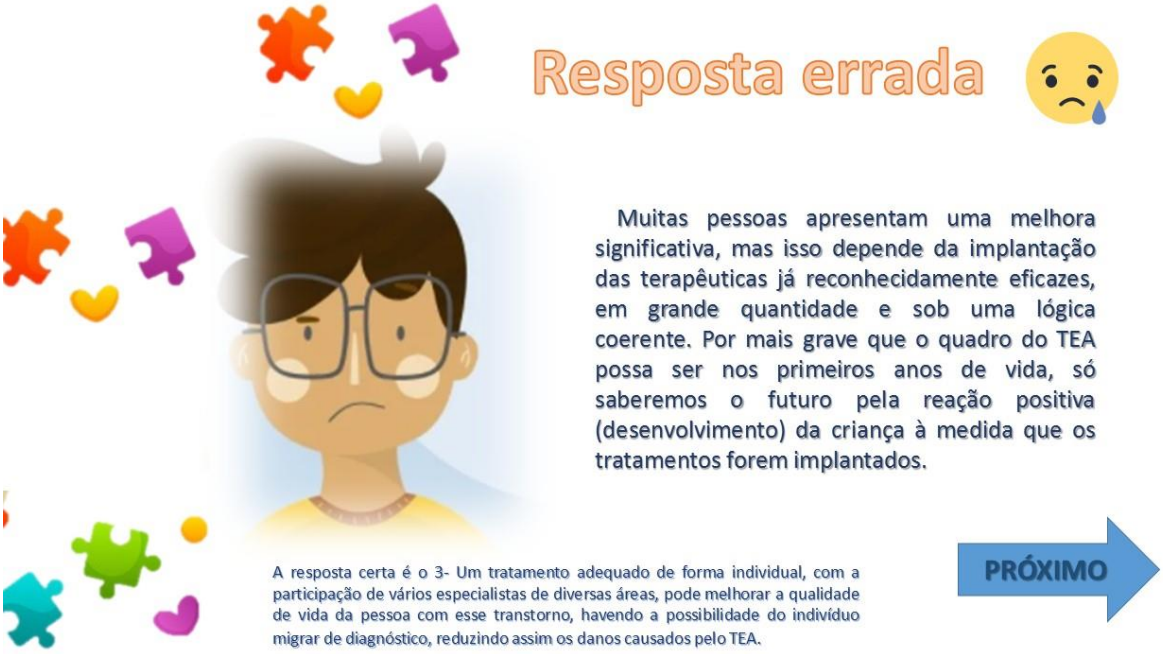
A resposta certa é o 2 : O diagnóstico de TEA é essencialmente clínico; ainda nos dias de hoje, o diagnóstico é impreciso. Usa-se também o diagnóstico baseado em observação do paciente

PRÓXIMO

4º Sobre o tratamento do TEA é correto afirmar que:

1. O Transtorno do espectro Autista deve ser tratado em grupo. Com isso os indivíduos podem se relacionar um com o outro e assim irá se desenvolver melhor com essa interação.
2. Tratar esse transtorno não é o ideal, pois não há nenhum caso de evolução durante seu tratamento.
3. Um tratamento adequado de forma individual, com a participação de vários especialistas de diversas áreas, pode melhorar a qualidade de vida da pessoa com esse transtorno, havendo a possibilidade do indivíduo migrar de diagnóstico, reduzindo assim os danos causados pelo TEA.


Resposta errada
Apesar do convívio social ser algo importante para a socialização da pessoa com TEA, o seu tratamento deve ser feito de forma individual
A resposta certa é o 3- Um tratamento adequado de forma individual, com a participação de vários especialistas de diversas áreas, pode melhorar a qualidade de vida da pessoa com esse transtorno, havendo a possibilidade do indivíduo migrar de diagnóstico, reduzindo assim os danos causados pelo TEA.
PRÓXIMO


Resposta errada
Muitas pessoas apresentam uma melhora significativa, mas isso depende da implantação das terapêuticas já reconhecidamente eficazes, em grande quantidade e sob uma lógica coerente. Por mais grave que o quadro do TEA possa ser nos primeiros anos de vida, só saberemos o futuro pela reação positiva (desenvolvimento) da criança à medida que os tratamentos forem implantados.
A resposta certa é o 3- Um tratamento adequado de forma individual, com a participação de vários especialistas de diversas áreas, pode melhorar a qualidade de vida da pessoa com esse transtorno, havendo a possibilidade do indivíduo migrar de diagnóstico, reduzindo assim os danos causados pelo TEA.
PRÓXIMO

Você Acertou !

É importante para a pessoa com TEA ter um tratamento multidisciplinar com a participação de vários profissionais como fonoaudióloga, psicóloga, terapeuta ocupacional, neuropediatra, psiquiatra que possam melhorar a qualidade de vida do paciente; podendo assim haver a possibilidade do indivíduo migrar de diagnóstico, ajudando na redução dos danos causados pelo TEA

PRÓXIMO

5° Responda verdadeiro ou falso para a afirmação abaixo.

Houve uma mudança no que diz respeito a terminologia do Transtorno do Espectro Autista (TEA), o que significa que não é adequado se referir a uma pessoa como autista e sim pessoa com TEA.

VERDADEIRO

FALSO

Você Acertou !

O termo "Espectro" é usado, para poder definir os diversos níveis de suporte que as pessoas necessitam. Esses níveis vão desde uma pessoa que tem associado a ele outras doenças, como também a pessoas que têm deficiência intelectual, até às consideradas menos dependentes e que levam uma vida comum, muitas vezes sem ter o conhecimento da sua existência. Por este motivo, a expressão Transtorno do Espectro Autista tem sido mais utilizada em detrimento da palavra Autista devido a essa grande diversidade e pela existência de graus e características individuais para cada pessoa com TEA.

PRÓXIMO

Resposta errada

A afirmação é verdadeiro porque a nomenclatura atual é "Transtorno do Espectro do Autismo" (TEA), por ser um conjunto de comportamentos que afeta cada indivíduo de modo e grau diferente, com uma ampla variedade.

PRÓXIMO

6° QUAL DEVE SER O PERFIL DO PROFISSIONAL QUE ATENDE O ALUNO COM TEA NA ESCOLA?

1. Profissional especializado no atendimento às pessoas com o transtorno do espectro autista e que desenvolva um trabalho específico pensado a partir da necessidade de cada indivíduo.

2. Mesmo que não tenha nenhuma especialização e conhecimento a respeito desse transtorno, O estagiário pode ficar como acompanhante do aluno com TEA enquanto o professor atende o restante da turma.

3. O acompanhante terapêutico escolar é o único profissional capacitado para atender o aluno com TEA na escola.

Você Acertou !

É importante para o profissional da educação que atende crianças com TEA ter sensibilidade, manter-se informado sobre as atualidades na área, buscando sempre estratégias de ensino como por exemplo: desenvolver um trabalho dentro de uma rotina para formar hábitos, adaptar o conteúdo, realizar uma seleção planejada dos recursos pedagógicos e utilizar materiais adequados como também uma didática que favoreça a aprendizagem de todos os alunos, desenvolvendo assim, um trabalho interativo que favorece também a socialização, acolhimento e inclusão desses alunos com TEA no processo educativo.

PRÓXIMO

Resposta errada

O papel do estagiário não é de desenvolver atividades e acompanhar o aluno autista separadamente, ele é um profissional que esta em processo de formação e esta na sala para dar um suporte ao professor.

A resposta certa é a 1: Profissional especializado no atendimento às pessoas com o transtorno do espectro autista e que desenvolva um trabalho específico pensado a partir da necessidade de cada indivíduo.

PRÓXIMO

Resposta errada

O acompanhante terapêutico escolar (ATE) desenvolve a função de mediador entre a criança com TEA e os sujeitos envolvidos na sua inclusão, auxiliando em qualquer problema que ela enfrente estando integrada ao universo social. A função desse profissional é ajudar a escola na inserção desse aluno, quando o professor e a escola encontram dificuldades em lidar com a criança com TEA, principalmente aquelas que possuem comportamentos que podem ser mal compreendidos e gerar medo. O esperado é que o ATE auxilie nesse processo de adaptação da criança ao ambiente escolar, mas que após um certo período sua presença seja dispensável.

A resposta certa é a 1: Profissional especializado no atendimento às pessoas com o transtorno do espectro autista e que desenvolva um trabalho específico pensado a partir da necessidade de cada indivíduo.

PRÓXIMO

7° Os maiores desafios que as escolas comuns enfrentam durante a inclusão de alunos com TEA SÃO:

A falta de capacitação profissional adequada, adaptação do espaço escolar, a falta de recursos e materiais apropriados, além da falta de empatia e respeito às diferenças por parte da comunidade escola.

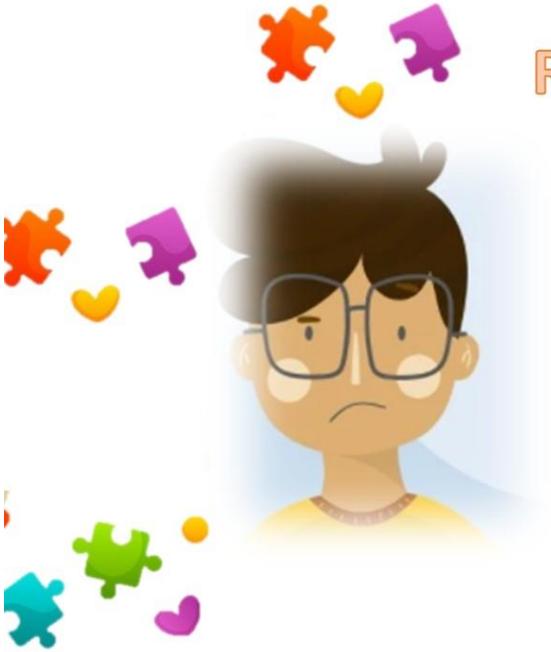
VERDADEIRO

FALSO

Você Acertou !

É necessário que o professor tenha uma formação continuada sempre ativa, buscando agregar novos saberes à sua práxis pedagógica. A falta de formação dos professores gera insegurança ao trabalhar com esses alunos. A falta de preparo e o desconhecimento das características e de seus comportamentos, resulta em atos discriminatórios contra as crianças com TEA, onde o aluno é visto muitas vezes como preguiçoso e desinteressado.
É indispensável que a unidade escolar adote práticas de ensino adequadas às diferenças dos alunos em geral, que atendam a todas as necessidades educacionais dos educandos, com ou sem deficiências, mas sem discriminações.

PRÓXIMO



Resposta errada

Foram vistos através de pesquisas que esses são de fato os maiores desafios para se alcançar uma escola que realmente esteja preocupada em incluir esse aluno com TEA..

PRÓXIMO

8° MARQUE verdadeiro ou falso :

A escola, por ter suas limitações, tem o direito de recusar a matrícula de um aluno com TEA, sob a alegação de falta de estrutura e de professores capacitados para receber esse aluno

VERDADEIRO

FALSO

Você Acertou !

A lei de n° 12.764, de 27 de dezembro de 2012 atribui que: "Art. 7°. O gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos." Ainda de acordo com as diretrizes da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, é de responsabilidade do poder público incentivar a formação e capacitação de profissionais especializados no atendimento às pessoas com o transtorno do espectro autista. E se comprovada a necessidade, a pessoa com o transtorno do espectro autista incluída em classes comuns do ensino regular, tem direito a um acompanhante especializado.

PRÓXIMO

Resposta errada

A LEI 12.764 GARANTE O DIREITO A EDUCAÇÃO E AO ENSINO PROFISSIONALIZANTE, SOB PENA DE MULTA AO GESTOR QUE SE RECUSE A REALIZAR MATRÍCULA DE ALUNO COM TEA.

PRÓXIMO

9° Leia a afirmação abaixo e assinale verdadeiro ou falso

SUPONDO QUE UMA ESCOLA É CONHECIDA POR REALIZAR SEU TRABALHO INTEGRANDO ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS (NEE) EM SALAS COMUNS. NESSE CASO, PODEMOS AFIRMAR QUE DE FATO ESSA ESCOLA PROMOVE INCLUSÃO.

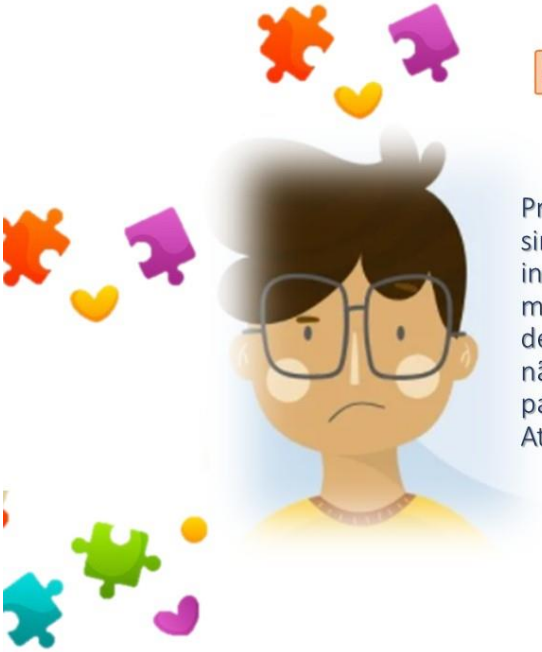
VERDADEIRO

FALSO

Você Acertou !

Precisamos entender que integração não é sinônimo de inclusão. Um aluno pode estar integrado ao ambiente escolar, isto é, estar matriculado em escola comum, frequentar a sala de aula e não participar das atividades do grupo, não interagir com os colegas ou passar a maior parte do tempo isolado na sala destinada ao Atendimento Educacional Especializado (AEE). Isso não é garantir a inclusão

PRÓXIMO



Resposta errada

Precisamos entender que integração não é sinônimo de inclusão. Um aluno pode estar integrado ao ambiente escolar, isto é, estar matriculado em escola comum, frequentar a sala de aula e não participar das atividades do grupo, não interagir com os colegas ou passar a maior parte do tempo isolado na sala destinada ao Atendimento Educacional Especializado (AEE).

PRÓXIMO

10º Nas situações abaixo qual atitude é a mais adequadas para ser desenvolvida com crianças com TEA e garantir de fato a sua inclusão na escola?

1. É importante inserir essa criança com TEA na escola, mas para preservar a integridade das demais crianças na sala de aula, é necessário ter sempre um acompanhante, com isso será garantido o andamento das atividades que foram desenvolvidas somente para o restante da turma.

2. A escola não somente matricula o aluno com TEA, mas também se preocupa com as múltiplas ações que precisam ser realizadas nesse processo; como por exemplo a adaptação do espaço escolar, além da capacitação profissional adequada dos professores, a utilização de recursos e materiais apropriados e a sensibilidade para compreender e trabalhar com o aluno autista

3. Todo aluno com necessidades especiais tem direito ao Atendimento Educacional Especializado, é um espaço que será garantido tudo o que essa criança precisa para se desenvolver, por essa razão ela deve passar todo o tempo da aula na sala do AEE.

Resposta errada

Nessas situações que acontecem dentro do ambiente escolar, onde o aluno é deixado no canto sem que haja nenhuma participação das atividades que acontece na aula, nas situações em que o aluno é inserido e mantido na escola e ainda assim não consegue evoluir em seu processo, pode se tornar a **mais perversa das exclusões.**

a resposta certa é o 2 : A escola não somente matricula o aluno com TEA, mas também se preocupa com as múltiplas ações que precisam ser realizadas nesse processo; como por exemplo a adaptação do espaço escolar, além da capacitação profissional adequada dos professores, a utilização de recursos e materiais apropriados, etc.

PRÓXIMO

Você Acertou !

A educação tem um papel muito importante no progresso desses alunos, e ao respeitar as diferenças, tratando com empatia e atendendo as necessidades de todos os alunos, é de fato uma verdadeira inclusão.

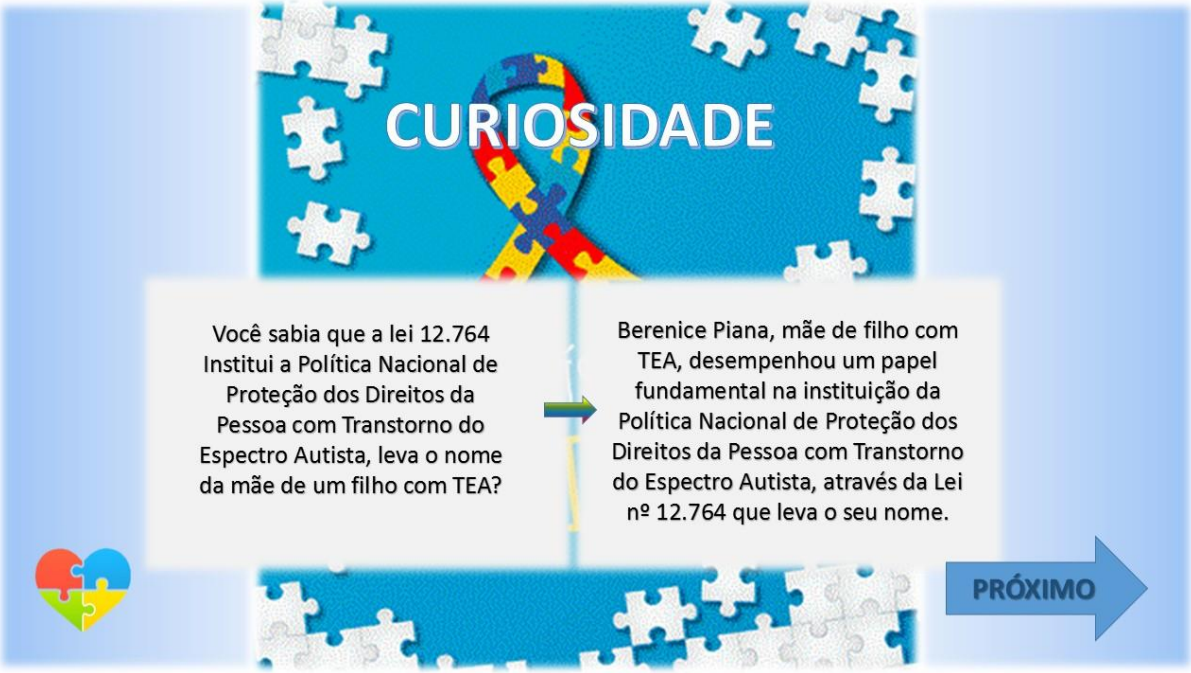
PRÓXIMO

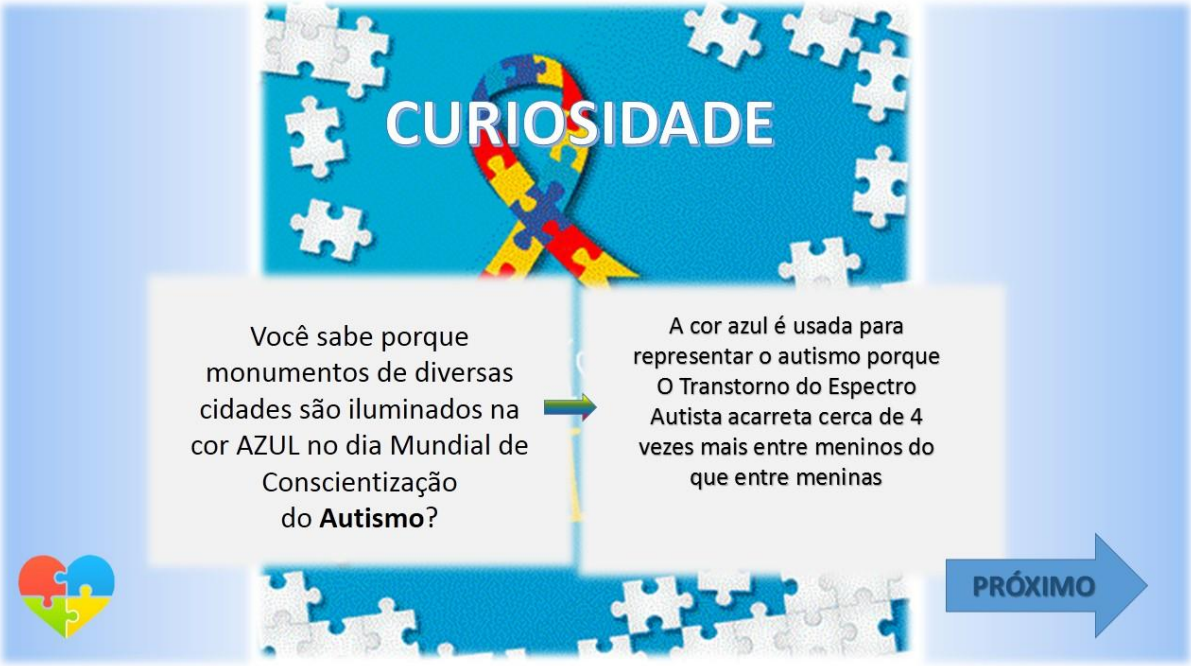
Resposta errada

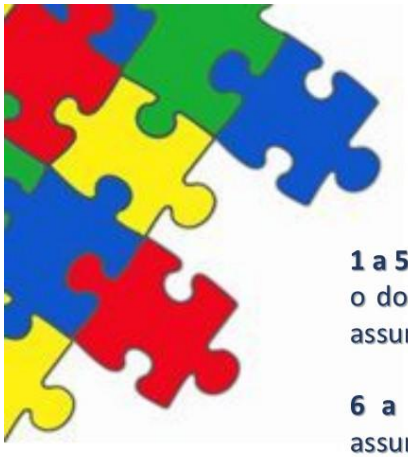
De fato todo aluno com necessidades especiais tem direito ao Atendimento Educacional Especializado mas as crianças não devem passar todo o tempo nessa sala, pois assim como os demais as crianças com TEA também necessita ter acesso ao mundo do conhecimento, a experienciar diferentes vivências por meio da interação social e entender a importância de se relacionar com o mundo que os rodeia.

a resposta certa é o 2 : A escola não somente matricula o aluno com TEA, mas também se preocupa com as múltiplas ações que precisam ser realizadas nesse processo; como por exemplo a adaptação do espaço escolar, além da capacitação profissional adequada dos professores, a utilização de recursos e materiais apropriados, etc.

PRÓXIMO


CURIOSIDADE
Você sabia que a lei 12.764 Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, leva o nome da mãe de um filho com TEA?
Berenice Piana, mãe de filho com TEA, desempenhou um papel fundamental na instituição da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, através da Lei nº 12.764 que leva o seu nome.
PRÓXIMO


CURIOSIDADE
Você sabe porque monumentos de diversas cidades são iluminados na cor AZUL no dia Mundial de Conscientização do **Autismo**?
A cor azul é usada para representar o autismo porque O Transtorno do Espectro Autista acarreta cerca de 4 vezes mais entre meninos do que entre meninas
PRÓXIMO



Avalie seu Resultado

Se você acertou:

1 a 5 questões, Você ainda não é um *expert*, mas dá para ampliar o domínio sobre o tema buscando mas informações sobre esse assunto.

6 a 8 acertos Você já tem muito conhecimento sobre esse assunto, mas pode avançar ainda mais.

9 e 10 questões : Parabéns. **Você é praticamente um especialista nessa discussão,** você está no caminho certo.

PRÓXIMO